

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

MARIA AUXILIADORA DA SILVA SANTOS

**ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SÃO MATEUS-ES

2022

MARIA AUXILIADORA DA SILVA SANTOS

ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e do Centro Universitário Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Ivana Esteves Passos Oliveira

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S237a

Santos, Maria Auxiliadora da Silva.

Atitudes e hábitos de leitura dos professores nos anos finais do ensino fundamental / Maria Auxiliadora da Silva Santos – São Mateus - ES, 2022.

91 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

1. Livros e leitura. 2. Professores - Atitudes. 3. Ensino fundamental. 4. Formação de leitores. 5. Marataízes - ES. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Título.

CDD: 372.4

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

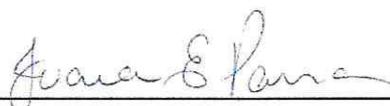
MARIA AUXILIADORA DA SILVA SANTOS

ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação no Centro Universitário Vale Do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 31 de março de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira
Presidente

LUANA FRIGULHA

GUISSO:09877618702

Assinado de forma digital por
LUANA FRIGULHA
GUISSO:09877618702
Dados: 2022.05.12 09:40:24 -03'00'

Profa. Dra. Luana Frigulha Guisso
Membro Interno



Profa. Dra. Taisa Shimosakai de Lira
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Aos meus amigos Guilherme e Karina, pela força

Aos meus pais (em memória), por me amarem

Ao meu marido, pela paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À Deus por mais essa etapa e por mais adversidades que passei ele estava comigo me orientando e fortalecendo.

A todos os meus familiares que de forma direta ou indireta me incentivaram à conclusão a mais uma etapa de minha vida.

Ao meu marido Renato, quem está sempre ao meu lado incentivando e me mostrando o quanto eu sou capaz de vencer.

Aos professores da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, pelo carinho e ajuda para o desenvolvimento da pesquisa.

À minha orientadora Ivana Esteves, pela paciência.

Aos meus amigos e irmãos Guilherme e Karina, pelo carinho, ajuda psicológica e incentivo.

À Marlúcia, diretora da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, pelo carinho e apoio.

“[...] um professor gosta de ler, precisa ler muito, envolver-se com o que se lê.”

Lajolo (1993).

RESUMO

SANTOS, Maria Auxiliadora da Silva. **Atitudes e Hábitos de Leitura dos professores nos anos finais do Ensino Fundamental**. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2022.

O presente trabalho objetivou compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II dos anos finais, essa pesquisa foi realizada na escola da rede municipal de Marataízes/ES, a EMEIEF “Boa Vista do Sul”. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e de campo. Com a pesquisa bibliográfica, buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura, embasando-nos nas teorias de Thiollent (1986); Kleiman (1996); Silva (1998); Freire (2006); Lajolo (1994); Nóvoa (1991); Colomer (2007), dentre outros, assim como em documentos oficiais. Na pesquisa de campo, verificar junto aos professores do ensino Fundamental II dos anos finais como são desenvolvidas as suas práticas de leitura e dessa forma, conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II. Para atingirmos tais objetivos, utilizamos de questionário, com perguntas abertas, como instrumento de coleta de dados, que foi aplicado aos professores da referida escola. Para a realização da pesquisa, consideramos uma abordagem qualitativa e que se estruturou através da pesquisa-ação. De acordo com os autores e as constatações feitas por meio das respostas, conclui-se que é possível ser um professor-leitor, mesmo com todas as dificuldades existentes, pois atitudes e hábitos de leitura dos professores aliada as propostas de melhoria das condições econômicas e de trabalho, possibilitarão, de forma simultânea, a (trans)formação dos professores leitores. Acreditamos que nessa pesquisa ainda a muito para ser feito e poderá continuar para a formação, enquanto pessoas, a estarmos nos renovando na (re)construção de experiências de vida, que possam modificar nossos pensamentos e nossas concepções.

Palavras-chave: Leitura. Hábitos. Atitudes. Professores e Ensino Fundamental.

ABSTRACT

SANTOS, Maria Auxiliadora da Silva. **Attitudes and Reading Habits of Teachers in the Final Years of Elementary School.** 91 f. Dissertation (Master's) – Vale do Cricaré College, São Mateus - ES, 2022.

The present work aimed to understand which attitudes and reading habits of teachers of Elementary School II of the final years, this research was carried out in the school of the municipal network of Marataízes/ES, the EMEIEF “Boa Vista do Sul” field. With the bibliographic research, to seek with the teachers how and when their reading habits were developed, based on the theories of Thiollent (1986); Kleiman (1996); Silva (1998); Freire (2006); Lajolo (1994); Nóvoa (1991); Colomer (2007), among others, as well as in official documents. In the field research, to verify with the teachers of Elementary School II of the final years how their reading practices are developed and, in this way, to know the profile-reader of the teachers of Elementary School II. In order to achieve these objectives, we used a questionnaire with open questions as a data collection instrument, which was applied to the teachers of that school. To carry out the research, we considered a qualitative approach, which was structured through action research. According to the authors and the findings made through the answers, it is concluded that it is possible to be a teacher-reader, even with all the existing difficulties, since teachers' attitudes and reading habits allied to proposals for improving economic and of work, will simultaneously enable the (trans)formation of reading teachers. We believe that in this research there is still a lot to be done and it can continue to form, as people, to be renewing ourselves in the (re)construction of life experiences, which can change our thoughts and our conceptions.

Keywords: Reading. Habits. Attitudes. Teachers and Elementary Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTO NORTEADOR DA PESQUISA	14
2.1 A ORIGEM DO LIVRO E DA LEITURA	17
2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LEITURA	19
2.3 O PROFESSOR- LEITOR	21
2.4 A RELEVÂNCIA DOS PARADIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR- LEITOR	24
3 PERCURSO METODOLÓGICO	29
3.1 PESQUISA-AÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO EM PROCESSO	29
3.2 PRINCÍPIOS DA PESQUISA QUALITATIVA	30
3.3 LÓCUS DA PESQUISA	30
3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA	35
3.5 O PERCURSO DA COLETA DE DADOS	36
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
4.1 EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA	38
4.2 EXPERIÊNCIA COM A LEITURA NA GRADUAÇÃO	40
4.3 O GRAU DE RELEVÂNCIA DA LEITURA DE LEITURAS LITERÁRIAS E/OU PERIÓDICOS NO COTIDIANO DO PROFESSOR.....	42
4.4 FORMAÇÃO CONTINUADA	44
4.5 SUPORTE PARA O ALUNO USANDO PARADIDÁTICO E/OU PERIÓDICO	47
5 PRODUTO EDUCACIONAL	50
5.1 VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARES	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICES	61
ANEXO	91

1 INTRODUÇÃO

É de suma importância que todo profissional tenha acoplado em seu currículo diversidades de cursos e que tenha como finalidade primordial, o seu crescimento pessoal e intelectual, principalmente, em se tratando, de curso de mestrado e o mesmo esteja inserido em sua área de atuação profissional.

Essa dissertação é uma parcela dos meus anseios pessoais sobre o mundo da leitura. Abordarei sobre a minha relação com a leitura e como a mesma transformou a minha vida, no pessoal e profissional.

Foi através de uma das minhas irmãs – Alzira- que eu ouvia as histórias que eram contadas para mim, antes mesmo de ser alfabetizada e sem ter passado por bancos escolares. Com o passar do tempo, eu já estava lendo e ao iniciar a minha vida escolar, eu já lia, escrevia e entendia o mundo das palavras.

Minha jornada escolar ocorre em uma escola pública, que foram nas séries iniciais do Ensino Fundamental; e nas séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio fiz em uma escola particular.

Agora, posso observar a importância que foi esse percurso, onde vejo com mais criticidade os problemas da Educação no Brasil. Quando eu estava nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tive pouco contato com a Literatura infantil, a mesma era sempre da mesma forma, ou seja, ler e desenhar os personagens da história. Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a Literatura era cobrada de forma avaliativa, ou seja, Literatura obrigatória e imposta pela Instituição escolar, um livro por bimestre.

Em meu ambiente familiar, a literatura estava inserida, mais de forma lúdica, onde meus irmãos presenteavam-me constantemente com livros. Isso era simplesmente uma felicidade e eu sem saber ia transformando em uma mini leitora.

A minha trajetória de leitora iniciou-se quando aos quatro anos, ganhei um livro de história- O soldadinho de chumbo- fiquei encantada, mas não sabia ler e minha irmã, pegava o livro e lia para mim. Meu imaginário fazia com que eu também participasse da história. Foi através desse pequeno livro que eu aprendi a ler, a decodificar as palavras.

Quando estava no Ensino Médio, eu comecei a ler, em casa, Série Vagalume, Odette de Barros Mott, Monteiro Lobato- meu preferido- e muitos outros. Iniciei com Soldadinho de chumbo a grandes clássicos da nossa literatura.

No Natal e no meu aniversário, desde pequena, sempre ganhava livros e jogos que desenvolvessem a memória. Na infância percebi que em meu quarto não havia bonecas, então, pedi a meu pai e presenteou-me com uma boneca linda e grande. Descobri que não sabia brincar de boneca, casinha, etc. Abandonei tudo e voltei a ler e reler meus livros.

Em minha escola, onde fiz o Ensino Médio tinha uma biblioteca com muitos acervos, eu sempre pegava emprestado de dois a três livros, para passar o final de semana.

Quando me tornei professora, sempre que tinha a Bienal do Livro, em Vitória, eu estava presente. Em uma dessas Bienais, voltei com uma ideia de montar um projeto voltado a divulgação da leitura na escola. Pensei então, em um e surgiu o Projeto de Leitura e Escrita Monteiro Lobato. Iniciei com as turmas que eu trabalhava- do Ensino Médio e com Ensino Fundamental – séries finais.

Projeto que era vinculado as minhas aulas de língua Portuguesa e com duração de um ano inteiro. Foi um sucesso total, recebia inúmeros elogios por parte de todos que conheciam e se envolviam com o projeto. As minhas aulas passaram a ser mais significativas para os alunos e também para mim.

No ano de 2018, em Marataízes, ocorreu um concurso da Fundação Lemann- Conectando Sabres- escrevi esse projeto e fui premiada. É um projeto que é visível a transformação do aluno para leitor, onde a gramática e a leitura são complementares, a leitura é livre e passa a fazer parte da vida pessoal do aluno.

Infelizmente, na escola onde trabalho, alguns colegas criticam as minhas aulas de leitura, ou seja, quando o aluno está lendo em sala, eu também estou lendo, alguns colegas acham que eu não estou trabalhando e meu aluno perdendo tempo. Aulas de Língua Portuguesa o quadro tem que estar com conteúdo de gramática e o aluno copiando. É uma luta que enfrento durante anos, ouvir esses absurdos. A minha maior satisfação é quando encontro ex-alunos, que por muitas vezes, estão atuando como professores, logo me agradecem por serem leitores.

É demasiado gratificante e sempre uso da seguinte fala- O meu Projeto de Leitura e Escrita Monteiro Lobato- é a semente que vai germinar e proliferar nos corações dos meus alunos e a transformá-los em sujeito da sua história.

Atualmente, continuo trabalhando e estudando, mas deixo reservado o meu momento de encontro com a leitura, não abro mão desse momento. É onde que sinto

as minhas forças serem renovadas para mais um dia de trabalho e compartilhamento de ideias.

Sempre gostei de ler e fiz minha graduação na área de Letras (Português/Inglês), sou professora há mais de 20 anos, Pós-Graduada em: Artes, Inglês e Língua Portuguesa e sempre estudando para aprimorar meus conhecimentos voltados para a área em que atuo. Atualmente estou atuando na área de Língua Portuguesa, no Município de Marataízes – ES, onde me efetivei pela prefeitura local. Estou quase realizada profissionalmente, porém venho tentando fazer um curso de mestrado, algo que sempre almejei, mas financeiramente sempre foi inviável.

Veio a oportunidade do ingresso no mestrado profissional da Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus- ES. De acordo com a minha área profissional, esse mestrado, abrirá novas perspectivas e implementará inovações em minhas práticas em sala de aula, de forma que, trará muitas descobertas advindas com a deficiência na leitura em paradidático e ou periódicos por parte dos professores e alunos.

Sendo assim, tenho sede em adquirir mais conhecimentos, onde eu possa ser um suporte de aplicabilidade na formação de agentes transformadores de uma sociedade igualitária e justa.

Segundo Freire (Freire, 1984) “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Quando se fala em leitura, não corresponde ao ato de uma simples decodificação de símbolos, sim, de fato, a interpretação e compreensão do que está lendo”

Dessa forma, é de suma importância que o leitor tenha conhecimentos prévios, que possam ser inerentes a aplicabilidade no vocabulário e nas regras da língua culta e que se englobem as noções conceituais sobre o texto e a realidade que está inserida.

Seja uma leitura prazerosa, ou seja, que tenha êxito na compreensão do que está sendo lido, que os conhecimentos adquiridos sejam significativos para que saiba interagir na transformação do seu universo. Logo, tem-se que a leitura é um processo interativo.

Aquisição pelo gosto e o hábito da leitura conduz à experiência única e ímpar, ou seja, é capaz de transformar sujeitos passivos em ativos, capacitando-os a criar e a recriar uma realidade que possa lutar contra o poder das lideranças dominante do sistema.

Como interlocutor da leitura escrita e da leitura de mundo surge a figura do professor, esse que tem o papel preponderante na mediação entre os alunos e as bases textuais, sendo uma mola propulsora, no sentido de ser um contato cada vez mais desafiador entre o leitor e a obra lida.

Segundo (Lajolo, 1993) "um professor gosta de ler, precisa ler muito, envolver-se com o que se lê." É de suma importância que todo professor assume seu papel de leitor, pois o mesmo irá desempenhar o papel de formador de futuros leitores e é imprescindível seu envolvimento com a leitura.

E também tem o papel de persuadir os alunos para a aquisição do hábito de leitura de forma lúdica e prazerosa, ou seja, enfatizando que somente através da leitura e / ou periódicos que as palavras serão de grande relevância no aprendizado dos conteúdos ministrados em sala de aula de acordo com as áreas.

Além do mais, a escola passa a ter como função a formação de leitores, evidenciando que os professores e alunos precisam ler e escrever para que o poder da criticidade os torne agentes transformadores, não somente em sala de aula, mas também em múltiplos espaços de suas vidas sociais.

É da responsabilidade de todas as disciplinas e do universo educacional, como um todo, que a escola deva cumprir o seu papel de fato, na formação de leitores, sendo necessário que o professor seja também um leitor proficiente.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral, compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II anos finais.

E como objetivos específicos:

- 1) Buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura;
- 2) Verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II dos anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura;
- 3) Conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II dos anos finais;
- 4) Elaborar um produto educacional no formato de E-book com sugestões de alguns livros paradidáticos, dos clássicos até os atuais.

Essa investigação embasou-se em uma abordagem qualitativa, tendo como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica e de campo, em consonância com os procedimentos técnicos, apresentou-se em uma pesquisa-ação. Com aplicação de

questionário com perguntas abertas para os professores nos anos finais do Ensino Fundamental II, da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, Marataízes/ES?

Diante dos fatos explicitados acima se faz necessário formular um problema que resolva a seguinte questão: Como são desenvolvidos atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II anos finais da EMEIEF Boa Vista do Sul-Marataízes/ES.

Além do mais, essa pesquisa justifica-se por ser intitulada: atitudes e hábitos de leitura dos professores nos anos finais do Ensino Fundamental, porque parte da premissa que a leitura é um fator primordial no desenvolvimento de qualquer cidadão, ou seja, é o ápice da identidade profissional do professor e constitui um instrumento preponderante no incremento das práticas pedagógicas e para o melhor entendimento da leitura do mundo.

Sendo assim, a presente pesquisa é de grande relevância nos meios educacionais por construir um novo perfil, para os professores tornando-os leitores críticos, conscientes e sujeitos de transformação de uma sociedade desigual vigente.

Portanto, a presente pesquisa tem a seguinte organização:

No Capítulo II, apresentamos o contexto norteador da pesquisa, a origem do livro e da leitura, pressupostos teóricos da leitura, o professor-leitor e assim como, a relevância dos paradidáticos na formação do professor.

No Capítulo III, descrevemos a metodologia e o contexto da pesquisa, a fim de fornecer subsídio para o processo de coleta e análise dos dados que pretendemos desenvolver.

No Capítulo IV, apresentamos os dados obtidos, a fim de que descreva a análise e a discussão.

Dessa forma, para finalizar, no Capítulo V apresentamos sobre um produto educacional, um guia com sugestões de alguns paradidáticos dos clássicos, até os atuais. Também, as considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida, assim como, as possibilidades desencadeadas pela mesma, para trabalhos futuros.

2 CONTEXTO NORTEADOR DA PESQUISA

Com o passar dos anos, observa-se que a educação brasileira tem como parâmetro a situação política inserida no país, ou seja, de acordo com cada governante do momento, acredita-se em “inovações”, e as mesmas têm as suas mudanças, mas somente nas palavras, porém as ações implementadas para as devidas transformações, em relação à problemática da leitura em nosso país, são sempre idênticas as anteriores, isto é, ficando tudo da mesma forma.

Diante desse fato, por várias décadas ouve-se a falácia, por parte dos professores, principalmente do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio – “meu aluno não sabe ler”, “meus alunos não conseguem ler”, “não compreendem a leitura proposta” – de imediato a culpa recai sobre os professores de Língua Portuguesa, pois esses professores esquecem-se de que a leitura não se limita apenas à educação, aos professores de Língua Portuguesa e sim, tem uma gama de fatores interligados.

O ministério da Educação é o órgão responsável que fixa, preconiza, regulariza e orienta a organização da educação brasileira, é também que norteia todas as ações educacionais. Pode-se constatar, as orientações que são advindas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) sobre os professores da área de Língua Portuguesa:

A língua, sistema de representação do mundo, está presente em todas as áreas de conhecimento. A tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita não se restringe, portanto, à área de Língua Portuguesa, já que todo professor depende da linguagem para desenvolver os aspectos conceituais de sua disciplina. (PCNs, 1998, p. 31)

Todo o professor tem o dever e o compromisso, independentemente de sua área, de fazer com que o aluno leia, escreva e produza, ou seja, deve-se contribuir para a formação leitora dos mesmos.

Por outro lado, o aluno sozinho não possui a capacidade para a sua formação de conhecimentos, dessa forma, surge o professor como mediador. Observar-se essa relevância quando os professores operam nas práticas de linguagem, isto é, a forma como o conhecimento é conduzido ao aluno, de acordo com os parâmetros, cabe ao professor:

Planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários

em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (PCNs,1998, p:22)

Entretanto, no que tange ao professor, em relação à leitura literária, é algo ausente, vago e sem notabilidade. Nos parâmetros não se evidencia de forma clara, para os professores, o que poderiam ou deveriam fazer na promoção da sua formação enquanto leitor. Observa-se que não ocorreu uma preocupação pelo enveredamento da formação leitora para o professor.

Na década de 1990, surge um documento que faz parte do Plano Nacional da Educação, que foi prevista na Constituição Federal de 1988 – a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – a mesma, veio como resposta sobre olhar “renovado” sobre a educação brasileira.

A BNCC é um documento que define os conhecimentos essenciais que todos os alunos que compõem a Educação Básica têm o direito de aprender, com implementação na elaboração dos currículos das redes públicas, privadas e rurais. Objetiva-se: promover a igualdade do sistema educacional; colaborar para a formação integral dos estudantes; colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

Ainda na BNCC, encontra-se numa abordagem maior, as “Competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, a mesma é compreendida como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo e valorizando-as como formas significativas da realidade e expressão de subjetividade e identidades sociais e culturais.”

A BNCC detalha, em diferentes habilidades, a necessidade do trabalho com imagens, sons e diferentes linguagens digitais. De acordo com a mesma em:

É imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. (BNCC, 2021, p. 61)

A BNCC faz uma abordagem sobre a leitura, da seguinte forma:

O **Eixo Leitura** compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ ouvinte/espectador com os textos, escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética e obras literárias [...] (BNCC ,2021, p. 71).

Observar-se, que as práticas enquanto formação leitora é preconizada de forma generalizada, ou seja, para o aluno interagir, sustentar e contextualizar com a realidade vigente, far-se-á necessário a intervenção e estratégias que sejam mediadas pelo professor.

Outro ponto a ser salientado, é que a BNCC concede autonomia para as redes de ensino e das instituições escolares para que complementem a aprendizagem, isto é, complementos que sejam de acordo com a realidade dos alunos e que resulte no processo de envolvimento e participação das famílias e das comunidades.

Ressalta-se que o Brasil é muito vasto, tanto em extensão territorial, quanto populacional, portanto, as realidades são diversificadas, principalmente no que diz respeito ao uso de tecnologias. Observar-se tal fato, quando a abordagem é sobre as competências específicas da linguagem para o Ensino Fundamental:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar [...] (BNCC, 2021, p. 65).

Devido a essas discrepâncias de realidades regionais, sabe-se que em algumas escolas do país, há ausência total do básico para manter-se uma escola, tais como, energia elétrica, água, banheiro e merenda. Quando temos uma BNCC toda direcionada para o uso das tecnologias, ocorre um impasse e uma inadequações de ações para serem implementadas.

Pensamos que para fazer uso das tecnologias digitais na condução de conhecimentos, é inviável, é utópico, pois as escolas brasileiras ausentam de aparatos tecnológicos, comprometendo assim, a aquisição de conhecimentos.

Sabe-se a BNCC tem a função de normatizar ações onde o professor não está incluso, ou seja, percebe-se que as tecnologias digitais são usadas como mediadoras do saber e o aspecto preponderante, que é, a formação leitora do professor, não se evidencia. Teremos mais um tempo a formação leitora do professor sendo esquecida ou ignorada.

Diante do exposto, percebe-se que é de suma importância o uso das tecnologias inseridas nas aulas do cotidiano do professor. Assim como, a formação literária, que deveria ter somente início e sem término. O professor leitor proficiente, independentemente de sua área de atuação, é o único eixo que é capaz de mediar uma educação de igualdade, equidade e diversidade em nosso país.

2.1 A ORIGEM DO LIVRO E DA LEITURA

Assim como o livro, a história da leitura tem a sua origem no nascimento da sociedade moderna. É também nesse contexto que a leitura se transforma em prática social e o leitor em protagonista da história da leitura.

O Brasil colônia, foi a época que compreende o período de 1530 a 1822. Era que começou quando o governo português enviou ao Brasil a primeira expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Souza.

Nesse período também, foi iniciada a implantação das Capitânicas Hereditárias e findando com a Independência do Brasil.

Época da história brasileira que incluiu o ciclo da cana-de-açúcar e do ouro; a escravidão indígena e negra; as revoltas coloniais e separatistas, além da formação da sociedade miscigenada.

O século XVIII, imperou-se como o século de enormes transformações nas mentalidades das pessoas. Com a chegada do Romantismo Literários e das Feiras de livros em várias cidades europeias.

O Romantismo literário, não se limitavam à imitação, mas sim evitavam a perfeição exacerbada que os moldes clássicos imprimiam através de suas obras a manifestação direta das emoções, intuição, inspiração e espontaneidade presentes no momento da criação. Esse movimento, ocorreu na França em momento de grande efervescência no cenário político, social e econômico do país, onde a classe média e a burguesia têm voz através da literatura, ecoando para o mundo todo.

O hábito da leitura causa um grande impacto na sociedade da época, onde o povo necessitava de informações a Revolução Francesa, essa que foi o elo propulsor para que o povo realmente descobrisse o verdadeiro sentido de ser e do poder transformador, enquanto inserido em uma sociedade.

Durante a Revolução Francesa, o povo estava ávido de informações e como estava a repercussão da mesma. Somente através da leitura de panfletos políticos e escritos filosóficos dos iluministas, que a conscientização era divulgada e dessa forma, o aumento no hábito e no gosto pela leitura, veio na mesma proporção.

No Brasil, os ideais da Revolução Francesa- Liberdade, Igualdade e Fraternidade- foram semente disseminadas em um solo rico, que frutificaram, de forma bem significativa, ou seja, os conhecimentos advindos dos livros, conduziam a

questionamentos sobre a fé, a lei e a realeza, embasamentos das futuras contra o domínio do poderio econômico da época.

Para os governantes, na época do Brasil Colônia, quanto mais alienado fosse o povo, era o ideal, para que o mesmo, continuasse a ser “massa de manobra”, ou seja, o acesso à educação era permitido somente aos filhos dos poderosos, às elites.

A grande maioria da população, de baixa renda, continuava sem ter alcance aos livros, pelas dificuldades econômicas, índice alto de analfabetismo e a inexistência de bibliotecas em funcionamento.

Nesse período também, a transmissão cultural era precária, com a imprensa sendo proibida a divulgar e conscientizar o povo sobre os fatos e a gama de leitores era pequena, para que pudesse levar os escritores a enormes modificações na sociedade.

Com a ascensão dos momentos de transformações sociais, econômicas e políticas no Brasil – Independência do Brasil e a Proclamação da República – é visível o predomínio intelectual da elite brasileira em manter o controle sobre a leitura e impedindo o processo de alfabetização em nosso país.

As reformas não se implantaram de fato devido à falta de infraestrutura e de apoio das elites (oligarquia do café), avessas a qualquer renovação cultural. Além disso, a Igreja Católica reagia de forma negativa às novidades positivistas atribuídas ao governo republicano, considerado ateu, e que na constituição estabeleceu a separação da Igreja e do Estado e a laicização do ensino nos estabelecimentos públicos (ARANHA, 1996, p.197).

Sendo assim, a origem do livro perpassa pela época do Brasil Colonial até chegar ao Brasil Império, onde sua importância era vista em diversas áreas e se dividiam nas estantes das sociedades de acordo com as finalidades. De livros para o desempenho profissional, religioso, gramática, dicionário, romance até livro infantil.

Para a sociedade da época, os livros significavam instrumento de poder econômico, isto é, quanto mais acervos possuídos, a pessoa teria mais posses. A presença do livro passou a simbolizar, na sociedade da época, um instrumento de desigualdade e exclusão, pois os humildes não possuíam acesso aos mesmos e o analfabetismo era imensurável.

A relevância do livro e da leitura, são perceptíveis, segundo Manguel, (2004),

...todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é a nossa função essencial (MANGUEL, 2004, p. 05)

O livro foi uma das maiores invenções do homem, com a função de ligação entre: o imaginário e o real e o comum e o inovador. Mas a função primordial é desenvolver a criticidade, ou seja, capacitar a todos mudanças para conduzir na construção de uma sociedade mais consciente e justa.

2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LEITURA

O ato de ler é muito mais do que a decodificação dos símbolos, no que tange está apto à leitura. Esse é um dos principais desafios que as escolas enfrentam em seu cotidiano. Essa decodificação transforma-se em algo mais desafiador, que é a formação do aluno em cidadão, isto é, quando tem o domínio da habilidade da leitura como instrumento de democracia e de cidadania, inserindo a participação dos alunos em suas comunidades sociopolíticas.

O letramento é a prática social da leitura e da escrita, pois para que uma pessoa possa inserir-se em um grupo social, ou mesmo no mercado de trabalho, a mesma, deve estar em condições de usar fluentemente a leitura e a escrita em diferentes contextos, em diversos gêneros textuais, e percebendo as suas aplicabilidades, análises, comparações, produções e reproduções.

Além do mais, a decodificação dos signos linguísticos inicia-se na alfabetização, ou seja, período que toda criança começa a compreender a mensagem através da escrita. Enquanto que na pós-alfabetização, fase de continuidade da iniciação da leitura e da escrita, ambas passam a ter funções significativas no cotidiano da criança. A leitura é guiada por diversificados objetivos e intencionalidades.

Outro ponto a ser salientado, é sobre a interpretação. Silva (2011, p. 110) afirma que “a leitura se manifesta, então, como a experiência resultante do trajeto seguido pela consciência do sujeito em seu projeto de desvelamento do texto.”

Acredita-se que interpretar é analisar e reproduzir algo que foi aprendido através da decodificação do código escrito, e a partir dos conhecimentos prévios e materializa-se na compreensão da realidade. É a combinação da compreensão com os fatos do contexto. Segundo Silva (2011) “a leitura não pode ser confundida com a decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados” (p:11).

Nesse sentido, é quando a leitura e a escrita são realizadas fluentemente, mas sem a compreensão e sem a recriação de significados, dessa forma, não ocorre a interpretação. Assim, a escola elege o livro didático como único meio para desenvolver a parte interpretativa. Passa a centralizar uma maior valoração e transformar-se como forma de transformar o aluno em sujeito leitor.

Por outro lado, a escola preconiza a formação do sujeito leitor, sendo independente, crítico e criativo. No entanto, o que se observa é o uso da leitura de decodificação dos signos linguísticos, sendo usada para a formação do leitor, ou seja, pensamos que é um fato contraditório, que exclui a real leitura- leitura literária.

Sabe-se que a leitura literária é libertária e ocorre quando o leitor estabelece a partir do texto lido, uma interação intensa de prazer. O imaginário do leitor é destacado, pois através do mesmo, que se recriam outros mundos, ações, pensamentos e emoções. O universo da interação do leitor com o texto é ampliado, a convivência com outros tipos de leitura- passam a exigir estratégias diversificadas, que conduz ao desvelamento da realidade.

Cabe ao professor instigar a imaginação do aluno, para que o mesmo, possa entender e ressignificar o seu papel na sociedade que está inserido. Desenvolver a capacidade leitora de um sujeito é fazer com que seja sujeito de suas ações no mundo que o cerca. De acordo com Lajolo (2006, p. 04),

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num aspiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 2006, p. 04).

Portanto, é possível saber o momento que se inicia o ato de ler, mas esse ato deve ir muito mais além dos muros da escola, deve fazer parte da vida do aluno. Sabemos que um sujeito leitor tem a sua formação através da leitura literária com embasamentos teóricos a partir da leitura de decodificação dos signos linguísticos apresentados através de diversificados textos -científicos, filosóficos e informativos, de forma que o sujeito possa transitar por todos esses eixos. Acreditamos que não se pode continuar com o pensamento errôneo sobre a formação do sujeito leitor.

Assim como, a decodificação dos signos linguísticos é ensinada são ensinadas na alfabetização a leitura literária, deveria ser incorporada nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar.

2.3 O PROFESSOR- LEITOR

Sabe-se que a leitura literária é uma das vias de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano. No entanto, muitos professores desconhecem ou ignoram a real relevância da leitura e da literatura no cotidiano.

Diversas pesquisas sobre a realidade da leitura no Brasil sinalizam para o perfil de grande parte dos profissionais da educação como não-leitor, pois é algo incontestável, e que todo professor deve ser leitor, dessa forma, a leitura literária, possa contribuir na sua formação e na práxis de seu trabalho em sala de aula.

Salientamos também, a questão de a leitura literária ter pouca ênfase durante a formação escolar na vida do educador. Poucos estudos e pesquisas na área da leitura literária, por parte do professor, nota-se ausência de clareza sobre a qual é realmente é a função da literatura literária e ou em periódicos para que se se forme um professor – leitor, consciente e crítico.

Um dos problemas que não pode ser esquecido, é a respeito à figura do professor que não gosta de ler, em virtude de alguns percalços durante a sua formação escolar.

Todo o processo de leitura literária e escrita se faz presente tanto na vida pessoal do sujeito e na vida escolar, ofertando uma amplitude sobre sua visão de mundo e favorecendo sua emancipação intelectual. De acordo com Lajolo (1993), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida” (p. 04).

São palavras com enorme expressividade, pois representam o quanto o é transformação de uma sociedade.

Partimos da concepção que a formação do professor-leitor se inicia, na fase da infância e da adolescência, através de inúmeras experiências leitoras e concomitantemente com os seus familiares, desde as narrativas orais, passando pela leitura de revistas, contos de fadas, romances, bíblia, diário íntimo e leitura de clássicos literários.

É na Educação Básica que a leitura literária é primordial, ou seja, tenha um avanço real, a partir de desenvolvimento com trabalhos com gêneros textuais e com o foco na formação de leitores para além da sala de aula.

Podemos afirmar que todo professor, enquanto profissional ou cidadão necessita desenvolver a capacidade leitora para que possa se sentir sujeito do mundo que o cerca. Por isso, é primordial que as práticas de leituras literárias sejam realizadas em todos os segmentos da formação escolar, com práticas de imersão em leituras: antiga, moderna, brasileira, estrangeira, infanto-juvenil, adulta, literária, não literária, enfim, diversidades de leitura possíveis, materializadas em diferentes linguagens.

Ressaltamos que a formação leitora do professor não tem diferença dos demais sujeitos, sendo que ele é antes de tudo é um indivíduo que passa pelos ciclos da vida – infância e a adolescência até chegar a fase adulta e, conseqüentemente a sua graduação, especificamente um professor.

Atualmente, estudos recentes, que envolvam a questão da leitura literária e não- literária, por parte dos estudantes brasileiros, em sua graduação, demonstram precariedade e os incapacitam na expressão oral e escrita em dá sentidos aos textos. O que observamos é uma situação caótica, pois a maioria dos estudantes estão iniciando a graduação vazios de palavras, ou seja, estão ingressando no nível superior como leitores desenvolvidos e com muita imaturidade literária.

Outro ponto a se destacar, no Ensino Superior, é pouco hábito da leitura literária ou informativa que refletirá na escrita e conseqüentemente n a fala. Alguns universitários demonstram pouco interesse diante dos textos indicados para análises e discussão em conjunto, só frequentam as aulas sem conhecimentos prévios sobre leitura dos assuntos a serem debatidos.

Nota-se, também, a ausência extrema dos estudantes indo às bibliotecas, isto é, muitos não possuem o hábito de usar biblioteca, ou não possuir contato com os livros e / ou periódicos de suas áreas ou de buscar mais conhecimentos sobre outros assuntos, mas utilizam quase sempre a Internet, como fonte única de adquirir conhecimentos.

De acordo com a observação de Freire (2006, p.18) quanto a esse ponto. Afirma o educador:

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professores e professoras, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas às vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta as voltas com extensas bibliografias a ser muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. [...] A insistência na quantidade de leituras sem o devido

adentramento dos textos a ser compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em que escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas (FREIRE, 2006, p.18).

Entendemos que o estudante de nível superior se amedronta frente a uma realidade que não é sua, a de ter que estar em contato com as diversidades de leituras exigidas, seguidas de um vasto trabalho com a escrita interpretativa dessas leituras.

Portanto, atualmente, observamos grande evasão de estudantes em curso superior por sentirem que seus anseios não correspondem ao ensino com as perspectivas esperadas. A problemática atinge com a absorção simples de conhecimentos do curso que perpassa através da leitura literária, uma vez que a dificuldade de compreensão de textos é evidente quando em realização de tarefas que o grau de exigência é a parte interpretativa.

Em se tratando de cursos no Ensino Superior, com ênfase na graduação de professor, observamos que o mesmo deve ser um leitor. Se o professor não lê, não tem experiência com a leitura, se desconhece algumas teorias literárias que norteiem seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas. Entretanto, o professor é o agente que organiza as práticas educativas em sala de aula e compete a ele o sucesso ou o fracasso de seu trabalho.

Durante a graduação para a formação de professor, a leitura literária que é cobrada, é a leitura acadêmica, isso provoca uma certa angústia, porque outras leituras são extintas.

A leitura literária ou informativa é menos valorizada em detrimento das leituras obrigatórias do curso. Dessa forma, as diversas atividades que permeiam as práticas de leitura são as que contemplam os componentes curriculares. São leituras para discussão em sala de aula, apresentação de trabalhos orais, exemplo de seminários, leitura para fundamentar escrita de textos. Observamos que ocorre alguns desencontros entre o real significado da leitura literária e conseqüentemente, para a formação de leitores proficientes.

Reafirmamos que é urgente e necessário que se façam inovações nos currículos dos cursos de graduação, pois os graduandos são leitores constituídos por diferentes histórias e práticas de leituras vivenciadas ao longo da vida. Para tornar um sujeito cada vez mais leitor, é primordial proporcionar-lhe diversidades de oportunidades durante a sua vida.

A leitura literária é um direito de todos, mas alguns graduandos foram afetados nas seguintes questões: a) pelo contexto sociocultural do país em que vivemos; b) pelo processo de formação que foram submetidos, ao longo de sua vida escolar. O cenário sociocultural do nosso país é o principal responsável pelo processo de exclusão do graduando, em específico o professor, das práticas de leitura literária ou informativa.

Torna-se de grande relevância implementar esforços de valorização das práticas reais, para investir em ações e currículos que valorizem a leitura literária como cerne da identidade do professor de tal modo que passe a ser disciplina da formação do professor leitor, com ênfase nos cursos voltados para a docência.

Entendemos que a leitura literária e ou a leitura de periódicos são os embasamentos primordiais na formação do professor. Além do que possibilita uma prática reflexiva, consciente e crítica, pois acarretará reflexos de seus atos para além de sala de aula, ou seja, romperá com o trivial. Devido a tudo isso, é de suma importância que o professor seja um leitor proficiente, independente da área de atuação.

Concordamos que o professor-leitor é aquele que constrói seu histórico de leitor ao longo de sua vida escolar e que prioriza a leitura literária como prática emancipatória e espaço aberto para o campo cognitivo. Consequentemente deverão ser leitores autônomos e para então contribuir para a formação de gerações de leitores críticos.

2.4 RELEVÂNCIA DOS PARADIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

O sistema escolar sempre teve a sua funcionalidade de acordo com interesses das classes sociais vigente. A idealizada escola pública, democrática, única e gratuita, objetivando à formação de cidadãos, continua sendo utópica para muitos brasileiros.

A escola pública brasileira, desde a sua origem sempre apresentou envolta por uma dupla problemática entre dominantes e dominados: de um lado, a escola da classe dominante, do outro, a escola da classe dominada, que se limita ao ensino elementar, seguido pelos moldes pragmáticos do mercado de trabalho de cada época.

Em tempos atuais, a escola está embasada na filosofia de preservação de cultura autoritária e na divisão da sociedade de acordo com as condições

socioeconômicas. Observa-se que desde a implantação do nosso primeiro sistema educacional, a maioria da educação atual ainda está atada aos moldes ideários da época, ou seja, temos uma democracia onde uma minoria privilegiada é que detém o poderio econômico e o saber.

Além do que, a problemática que envolve a educação em nosso país continua e se faz urgência necessidades de mudanças, principalmente no que tange na formação de professores. Grandes investimentos são realizados em bens duráveis ou em curso de capacitação que ofertam conhecimento aos professores, mas sem conduzi-los à consciência crítica.

De acordo com a extrema relevância da questão, atualmente, a leitura literária sinaliza como uma possibilidade de mudanças, além de permear toda e qualquer prática pedagógica, somente através da leitura que se pode romper com a alienação de ideias e lutar por mudanças de uma sociedade mais igualitária.

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96(LDB), em seu artigo 32, inciso I, prioriza a necessidade de trabalhar com a leitura, escrita e interpretação de textos na Educação Básica, objetivando o desenvolvimento da capacidade de aprender, devendo se voltar para a construção de futuros leitores competentes, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, estimulando o aluno a ser sujeito do seu próprio aprendizado, assim, o professor, direta ou indiretamente, a culpa pelo fracasso escolar de seus alunos e o mau preparo, gera a impossibilidade da execução de forma satisfatória dos currículos, mesmo que inadequados com a realidade do país.

Todo o professor deveria ter consciência de que todo processo de ensino e aprendizagem, através da leitura literária possibilitará a inúmeros avanços, principalmente, na forma de avaliar e direcionar a sua prática.

Sabemos que a formação do leitor deve começar antes das séries escolares, pois nas mesmas, existem habilidades que favorecem essa formação, que precisam percorrer a vida em família, na creche e na escola infantil.

Podemos afirmar que trabalhar com a leitura literária é um ato político, isto é, existe a presença do professor, como mediador entre o livro e o aluno-leitor. E a partir desse ponto, o professor buscará o entendimento das necessidades e anseios dos alunos quanto aos limites do livro a ser lido.

Dessa forma, o processo da construção da leitura literária é algo árduo e permanente, essa fase ocorre com o professor e o aluno. É de suma importância,

professor deverá se posicionar de forma consciente, crítica e criativa, através da sua prática pedagógica inserida aos alunos.

A fim de que ocorra mudanças significativas no processo de construção da leitura literária, primeiro deverá acontecer rupturas de pensamentos seja para enfrentar dominantes, por parte dos professores e nas instituições responsáveis pela educação.

É papel da escola e do professor o poder decisório sobre a leitura literária e o leitor formado, pois espera-se que o produto a ser formado, seja para enfrentar as contradições impostas pelo sistema vigente. A leitura literária nas escolas surge através dos paradidáticos, década de 60 a 70.

Portanto, em termos de aprofundamento, divulgação e estudos com intuito de nomear este gênero de livros ou até mesmo, compreender sua origem e suas funções pedagógicas, muito pouco se tem realizado.

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2028), faz uma citação do livro paradidático e sua importância:

Considerar, ao longo dos anos, a ampliação e o suporte na seleção de fontes balizadas de informação e conhecimento – livros paradidáticos, de referência, repositórios de objetos digitais de aprendizagem, plataformas educacionais, canais educacionais e de vídeos de divulgação científica, etc. (MEC, 2018, p.516)

Além disso, o livro paradidático propício, tanto para o professor, quanto para o aluno, a probabilidade de imersão em um ambiente de leitura literária que está de alguma forma ligado à realidade do leitor, independente da disciplina curricular.

A partir da década de 80, os paradidáticos foram se tornando mais abrangentes nas escolas, mas sendo tradicionalmente, utilizados pelos professores de Língua Portuguesa. Em outras áreas com menor frequência,

Para entender a razão da criação do termo paradidático, Borelli (1996) apresenta o sentido do termo paraliteratura, a partir da interpretação da formação da palavra como “o prefixo para denotar tanto o significado de proximidade – ao longo de – quanto à conotação de acessório, subsidiário, e, também, o sentido de funcionamento desordenado ou anormal”.

O termo paradidático surgiu como adjetivo, qualificando um tipo de publicação que, a partir de 1970, começou a proliferar na produção editorial brasileira direcionada ao uso escolar. Tratava-se, dessa fora, de distinguir esses produtos dos livros didáticos tradicionais, sempre associados a disciplinas, organizados em coleções

seriadas e pensados para o uso do cotidiano. A principal diferença consistia no fato de os paradidáticos não prenderem cobrir a matéria de uma série, muito menos, de todo um segmento do ensino. Fixavam-se, antes, em um único tópico de interesse do currículo, tratando de forma mais especializada e /ou aprofundada, sobre assuntos gramaticais. Em consequência, esses livros podiam ser utilizados em diferentes momentos e níveis de ensino.

Os paradidáticos têm sido objeto de grande relevância nas políticas públicas em Educação, tendo motivado muitos estudos e investigações, sob perspectivas tão distintas quanto o mercado editorial, a transposição didática de conceitos e noções, a flexibilidade de uso, os recursos didáticos, os padrões de textualidade e os modos de ler.

Os livros paradidáticos começaram a ser organizados em coleções seriadas e utilizadas na leitura cotidiana. São livros que não faz abordagem somente de um conteúdo específico de uma determinada série, tem a função de ir mais além, é um auxílio para sala de aula em diferentes séries e/ ou níveis de ensino.

Dessa forma, os livros paradidáticos receberam esse nome por serem adotados de forma paralela aos materiais convencionais já utilizados na escola, não com intuito de substituir, e sim abordar temáticas que, em muitos casos, os livros didáticos não contemplavam.

Além disso, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e orientou a discussão sobre os temas transversais, a produção dos materiais paradidáticos cresceu de forma significativa nas editoras brasileiras salientando nas próprias obras de ideias de Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde e Sexualidade.

No entanto, é importante observar que, embora haja variadas temáticas e metodológicas para se trabalhar, em muitos casos, a abordagem do livro paradidático ainda é descontextualizada, deixa de integrar discussões relevantes em sala de aula e é objeto de avaliação desconectado dos questionamentos sociais e preso aos conteúdos gramaticais apresentados na série.

Tais materiais surgiram como forma de oportunizar a prática docente a fim de que seja possível desenvolver não somente a capacidade leitora em sala de aula, mas a compreensão de períodos e contextos históricos. O surgimento dos materiais paradidáticos se consolidou a partir das necessidades de se pensar em literaturas que

fossem apropriadas para o ambiente escolar. Nessa vertente, muitas obras são consideradas essenciais para a formação do aluno.

Os livros paradidáticos nasceram das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. As editoras passaram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessíveis, que serviriam para introduzir o aluno no universo da leitura e prepará-lo para obras mais complexas [...] (LAGUNA, 2001, p.49)

Assim como o ensino da Língua Portuguesa passou por transformações desde a implantação dos moldes educacionais, o ensino de leitura no contexto escolar é também marcado por avanços, ora vistos como uma ruptura com o tradicionalismo, ora analisados sob a perspectiva de ser apenas o primeiro passo de muitos que ainda são necessários.

Por outro lado, os recursos tecnológicos modernos vêm tomando o lugar da leitura impressa. Com a multiplicidade de informações à disposição, faz com que ficássemos mais informados do que passou em outras épocas. É com esse impacto tecnológico que o mundo se globaliza.

A leitura literária sempre terá seu lugar e por se tratar de leitores, os mesmos, sempre irão buscar na palavra escrita grande parte de informação e seu conhecimento do mundo. As leituras de obras paradidáticas têm, portanto, o caráter de formar personalidades a fim de que os indivíduos se sintam partes da comunidade e atuem na vida social iluminados a partir das concepções que os autores apresentam na diversidade do universo ficcional.

Portanto, para se trabalhar com a leitura paradidática o professor tem que ter uma formação leitora, pois poderá despertar o prazer do aluno pelo ato de ler, além disso, aliada ao processo de ensino- aprendizagem, passa a ser o material complementar para apropriação e transmissão de conhecimentos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA

O percurso metodológico é como uma trilha, a ser percorrida pelo pesquisador, e na mesma, estão contidos incertezas, anseios e problemas. Durante essa caminhada ocorrem buscas, descobertas, reflexões e tomadas de decisões. De forma que, nos faz compreender que durante o processo de uma pesquisa, podem aparecer resultados que estão além do que estava proposto e / ou esperado.

Nessa busca, optamos por desenvolver uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo em vista a natureza do objeto de estudo, o qual se constitui no geral em investigar atitudes e hábitos de leitura dos professores para a formação de leitores do Ensino Fundamental II anos finais.

Portanto, neste capítulo descreveremos o método e os procedimentos metodológicos da pesquisa, a base teórica da pesquisa-ação, motivos pelos quais buscamos uma compreensão dos significativos e definições, assim como os procedimentos que o constituem como fonte primordial para a reflexão acerca das várias experiências humanas, além da descrição do universo da pesquisa e dos participantes diretos, assim como, as técnicas de pesquisa que utilizamos no trajeto da coleta, organização, sistematização e análise dos dados obtidos.

3.1 PESQUISA-AÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO EM PROCESSO

De acordo com a contextualização histórica, a metodologia da pesquisa-ação iniciou-se entre a década de 1930 e 1950, período de consolidação; no final da década de 1960 até os dias atuais. Nasceu nos Estados Unidos, durante a segunda Guerra Mundial e criado pelo psicólogo Kurt Lewin.

A pesquisa-ação segue princípios contrários de uma investigação tradicional de ciência, em que na produção de conhecimento utiliza-se de métodos rigorosamente testados e comprovados.

Em dias atuais, os pesquisadores fazem uso de propostas e métodos de investigação para realizar uma pesquisa científica. Deve-se optar por procedimentos que possam refutar às questões propostas pelo estudo. Gil (1999), afirma que:

O método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento. Para que seja considerado conhecimento científico, é necessária a identificação dos passos para a sua

verificação, ou seja, determinou o método que possibilitou chegar ao conhecimento (Gil, 1999, p.5).

No passado, muitos entendiam que a metodologia poderia ser usada para todos os trabalhos de cunho científico. Os cientistas da atualidade, no entanto, consideram que há uma imensa diversidade metodológica, que são determinadas pela tipologia do objeto a ser pesquisado e pelas proposições a serem descobertas.

Segundo Thiollent (2007), a pesquisa-ação necessita atender dois propósitos básicos: o prático e o do conhecimento. Entende-se que o primeiro, como contribuição da pesquisa na solução do problema em questão e o segundo, como o conhecimento gerado a partir da solução do problema.

3.2 PRINCÍPIOS DA PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador como seu principal instrumento e a situação que está sendo investigada, por meio do trabalho intensivo de campo.

Dessa forma, os dados coletados são predominantemente descritivos e o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

A opção pela pesquisa qualitativa partindo de dados narrativos, vem ao encontro do anseio de identificar a importância do professor enquanto leitor proficiente de leitura literária e /ou periódicos.

3.3 O LÓCUS DA PESQUISA

A história da EMEIEF “Boa Vista do Sul” tem início quando o Estado do Espírito Santo compra o terreno do proprietário João Barreto Lima (segundo coleta de informações dos moradores e professores mais antigos da região), intermediado pela

prefeitura Municipal de Itapemirim, cujo o prefeito na época era Benedito Enéas Muqui.

A escola teve seu Ato de Aprovação, Resolução CEE Nº 41/75 no dia 28 de novembro de 1975 e o Ato de Criação, na Lei Nº 3043/75, Decreto Nº 917 -N no dia 23 de novembro de 1976.

Apesar disso, o processo de construção iniciou em 1987 e a proposta era funcionar apenas com uma sala, porém na gestão do Prefeito de Itapemirim, Erivelton Porto Meireles, o projeto teve ampliação para mais três salas.

Até esse momento, toda movimentação em prol da construção e documentação da escola foi feita pelo Estado, tendo como intermediária a Prefeitura Municipal de Itapemirim.

Em 14 de Janeiro de 1992, foi criado o Projeto de Lei que continha o Ato de Emancipação Política de Marataízes, mas somente no ano de 1997, Marataízes foi emancipada e teve como primeiro prefeito Ananias Francisco Vieira, que teve como Secretária de Educação, Libeni Vieira. O Marataízes teve o seu primeiro quadro de professores estatutários e a Escola de Primeiro Grau “Boa Vista do Sul”, também recebeu os seus primeiros professores efetivos, mediante concurso público realizado em janeiro do mesmo ano.

No segundo mandato do prefeito Ananias Francisco Vieira, a EPG “Boa Vista do Sul”, teve o início no processo de municipalização, para tornar-se uma escola municipal.

Em 2005, Antônio Bitencourt é eleito prefeito de Marataízes e nomeia Márcia Leonardo Ribeiro Carvalho, como secretária de Educação. Em 2006, a escola passou a ofertar o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries. A Pré-Escola funcionava no prédio antigo, desde 2011.

Em 2007, a EPG “Boa Vista do Sul” é renomeada e ganha a titulação de Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) “Boa Vista do Sul”, passou também por uma reforma e ampliação, ofertando em 2008 o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Em 2011, a Pré-Escola foi transferida para o prédio atual.

Julgamos importante mencionar os nomes das pessoas que lutaram para melhorar a estrutura física e o padrão de ensino da referida escola: Elça Laiber dos Santos; Reni Ramos Vieira, Juracy dos Santos Nicole; Valdecira das Neves Pereira;

Rosemere Rebolo Barboza; Raquel Mauricio de Souza; Flávia Ribeiro; Ana Cláudia de Oliveira Freire e atual Marlúcia da Silva Souza Brandão.

A EMEIEF “Boa Vista do Sul” funciona nos turnos matutino e vespertino com a capacidade de 372 alunos, sendo que de 1º ao 5º ano- 110 alunos e 6º ao 9º ano 221 alunos.

A escola possui dois pavimentos, sendo o térreo distribuído da seguinte forma: sala dos professores, secretaria, dois banheiros, quatro salas de aula, cozinha, sala da diretora refeitório.

É importante ressaltar que a escola não tem quadra, um pequeno pátio sem cobertura. No segundo pavimento, temos quatro salas, dois banheiros e uma varanda extensa que fica de frente para a praia. A sala dos professores é usada para fazer planejamento é também é feita de sala da pedagoga. Ainda nesse mesmo pavimento temos a biblioteca, que possui uma estrutura física pequena e não possui equipamentos tecnológicos e um acervo pequeno de livros paradidáticos.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP):

FILOSOFIA - Temos como filosofia baseada em Jean Piaget, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Dewey e Wallon para formar cidadão crítico, reflexivo, capaz de transformar a sociedade. Cidadão comprometido com seu meio e com o mundo.

Tornar o processo educativo um ato criador, um instrumento de leitura do mundo, promovendo a interação escola e vida. Mudando assim a prática pedagógica de ensino informativo, para aprendizagem formativa, através da construção do conhecimento e da habilidade de “aprender a aprender”.

Conseguir através de um processo construtivo, aprendizagem real que leve à auto realização e ao pensamento crítico-criativo. Possibilitar a vivência de situações em que vise o bem comum, exercício responsável de tarefas, o respeito, as diferenças culturais, consciência de cidadão e a participação na obra do desenvolvimento do país.

Entender a educação com finalidades claras sendo capaz de responder às questões fundamentais, referentes ao aluno que se deseja formar, a escola necessária em que todos deverão empenhar-se para que os educandos sejam efetivamente formados para a cidadania e para a vida na sociedade e no trabalho.

Ser capaz de ofertar uma escola que educa, sendo ponto de referência de ações positivas para alunos e família proporcionando o desenvolvimento cultural e

ético, aumentando e alimentando a autoestima o respeito e compromisso com a educação.

A EMEIEF “Boa Vista do Sul” tem por finalidade fazer da sala de aula um lugar agradável, valorizando as experiências do aluno e estimulando o desenvolvimento do pensamento, a vivência de atitudes científicas, a valorização do trabalho nas dimensões pessoal e social, não deixando nenhuma criança para trás.

MISSÃO - Oferecer educação inovadora, fundamentada na formação integral do aluno, que favoreça a autonomia e o empoderamento, por meio de educação de qualidade, tendo em vista a transformação social e emocional de cada educando.

VISÃO - Ser reconhecida como instituição de referência, inovadora em suas propostas e práticas pedagógicas e na formação de cidadãos críticos, conscientes e empreendedores.

OBJETIVOS E METAS INSTITUCIONAIS -

- I. Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- II. Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- III. Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- IV. Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- V. Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetivas, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

- VI. Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso: o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando a sua adequação;
- Garantir a aprendizagem dos alunos;
 - Transformar a educação pública dentro do espaço da sala de aula;
 - Propiciar e melhorar ainda mais a relação da escola com a família;
 - Envolver o conselho de escola nas decisões a serem tomadas;
 - Criar parcerias com a comunidade escolar.

PROPOSTA PEDAGÓGICA - A sistemática de acompanhamento e avaliação do desenvolvimento da Proposta Pedagógica da EMEIEF Boa Vista do Sul deverá ser contínua e capaz de realimentar o processo e voltada fundamentalmente para o alcance dos objetivos propostos dentro da Proposta Pedagógica.

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL - A avaliação institucional é um mecanismo de acompanhamento contínuo das condições estruturais e de funcionamento da instituição, para o aperfeiçoamento da qualidade de ensino oferecido por ela e a melhoria da produtividade.

A avaliação institucional compreenderá:

I- A avaliação interna ou autoavaliação, organizada e executada pela própria instituição, envolvendo os diferentes seguimentos que integram a Comunidade Escolar a partir de critérios por ela definidos;

II- A avaliação externa organizada e executada pelos órgãos próprios da Secretaria de Educação ou pela própria instituição, envolvendo a comunidade. O processo de avaliação institucional deverá incidir sobre os seguintes aspectos entre outros:

- Cumprimento da legislação de ensino;
- Desempenho dos alunos, produtividade da escola;
- Processo de planejamento de ensino aprendizagem;
- Qualificação e desempenho dos dirigentes, professores e demais funcionários;

- Qualidade dos espaços físicos, instalações, equipamentos, materiais de ensino e adequação as suas finalidades;
- Eficiência e pertinência dos currículos;
- Organização da escrituração e do arquivo escolar;
- Articulação com a família e comunidade externa.

Os resultados da Avaliação Institucional, interna e externa, devem ser consolidados em relatórios, os quais deverão ser considerados pela Inspeção Escolar por ocasião de processos de nova solicitação de autorização de funcionamento de curso, reconhecimento e outras solicitações que recomendem tal exame.

Avaliação Institucional tem como objetivo:

- Identificar e diagnosticar os problemas que ocorreram;
- Rever e aprimorar a Proposta Pedagógica;
- Rever e aperfeiçoar a estrutura física e funcional da instituição como um todo.

3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes da pesquisa consistem em 13 professores, de áreas diversificadas, que atuam no Ensino Fundamental II anos finais, da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, Marataízes/ES.

A escolha desse grupo justifica-se pelo objetivo geral dessa investigação- Compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais. Todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa têm formação superior, são comprometidos com o desenvolvimento de seu trabalho, permitem partilhar ou trocar conhecimentos e dispostos a inovar suas práticas pedagógicas.

Para realizarmos a coleta dos dados, encaminhamos a Solicitação de Autorização à Diretora da referida escola. Nós comprometemos em guardar sigilo das identidades dos participantes da pesquisa, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento.

O professor deve ser um pesquisador, mantendo-se em contínuo aperfeiçoamento e atualização, a fim de renovar e retro alimentar o seu saber para o ensino e a aprendizagem.

Tendo em vista a democratização do acesso ao saber e o desenvolvimento integral de cada ser humano é preciso garantir uma educação de igual qualidade para todos.

3.5 PERCUSSO DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados é um processo de apuração de informações para comprovar uma problemática levantada. E tem como principal função, que é direcionar o curso da pesquisa.

Na coleta de dados da pesquisa-ação ocorre o envolvimento do trabalho inserida com algumas técnicas necessárias para a referida investigação, tais como: “questionário convencionais, diário de campo, observação participante, história de vida, entrevista coletiva e a entrevista individual.” (THIOLLENT, 2003, p.64)

De acordo, (op.cit.,2003, p.68): “os participantes são levados a descrever a situação ou o problema que estão focalizando, com aspectos de conhecimento (busca de explicação e de ação busca de soluções.”

Segundo Gil (2008, p.121), o questionário é a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, comportamentos, etc.

O questionário pode conter perguntas abertas e ou fechadas, sendo que as perguntas abertas possibilitam respostas mais diversificadas.

A coleta dos dados empíricos da presente investigação, foi obtida por meio de questionário, com perguntas abertas e transcritas partes do questionário, que são relevantes à investigação.

O instrumento de pesquisa possibilitou coletar experiências, inquietações sobre o que o professor pensava da importância em relação da questão da leitura literária e a de periódicos, tanto na sua vida profissional e pessoal.

Em Thiollent (2003, p.65) afirma que:

Na pesquisa-ação o questionário não é suficiente em si mesmo. Ele traz informações sobre o universo considerado que serão analisados e discutidas em reuniões e seminários com a participação de pessoas representativas. [...]O procedimento adequado sempre requer uma função argumentativa dando relevo e conteúdo social às interpretações (THIOLLENT, 2003, p. 65)

Antes de iniciar esta pesquisa-ação os sujeitos já são conhecidos da pesquisadora, pois a mesma atua no lócus da pesquisa.

A presente investigação só iniciou após a liberação da pesquisa no Comitê de Ética da faculdade e a Autorização da diretora da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, Marataízes/ES.

Na presente investigação, acreditamos atender o proposto no primeiro objetivo específico, que consiste em buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura.

Para isso, consultamos os seguintes aportes teóricos: Freire (1993); Zilberman & Lajolo (1996); Silva (1998); Thiollent (1986); Kleiman (1996); Lajolo (1994); Bamberguer (1995); Andrade (2007); Colomer (2007); Souza (2004); Cademartori (2009), além de consultas realizadas em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Nacionais da Educação, decretos, artigos e sites.

O segundo objetivo específico é verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura; o terceiro objetivo específico é conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II anos finais.

Para atingirmos os objetivos específicos expostos, aplicamos questionário, com perguntas abertas, para os professores da EMEIEF “Boa Vista do Sul”, Marataízes/ES.

Para o preenchimento dos questionários por parte dos professores, foram entregues os mesmos em mãos. Os sujeitos da presente investigação foram avisados da data estipulada para a devolução.

Dessa forma, esta investigação não dará respostas definitivas, mas possibilitará uma ampliação para as discussões sobre o objeto investigado e sinalizar, através dos métodos científicos, um viés na perspectiva de contribuir e ampliar para as reflexões acerca da compreensão das atitudes e hábitos de leitura do professor, no que tange no aspecto pessoal e profissional.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo primordial deste capítulo é a apresentação dos dados e a discussão dos resultados obtidos por meio da pesquisa de campo. Abordaremos os dados referentes ao questionário aplicado aos professores da EMEIEEF “Boa Vista do Sul”, Marataízes/ES.

Posteriormente, por meio dos dados coletados, através do questionário, possibilitou o confronto, a comparação e a interpretação com as concepções teóricas norteadoras da pesquisa.

Após a transcrição de algumas partes do questionário, a identificação será feita usando uma nomenclatura e seguida de um número, para as devidas identificações.

Ressaltamos que manteremos o sigilo dos nomes e as respectivas áreas de atuação dos professores da referida escola, onde foram aplicado o questionário. As autorizações cedidas pelos professores, encontram-se devidamente assinadas e estão de posse da pesquisadora para eventuais consultas que se fizerem necessárias.

4.1 EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Fim
Por que dar fim as histórias?
Quando Robinson Crusóé deixou a ilha,
que tristeza para o leitor do Tico-tico.
Era sublime viver para sempre com ele e com Sexta- Feira
na exemplar, na florida solidão,
sem nenhum dos dois saber que eu estava aqui.

Largaram-me entre marinheiros-colonos,
sozinho na ilha povoada,
mais sozinho que Robinson, com lágrimas
desbotando a cor das gravuras do Tico-tico.

Carlos Drummond de Andrade

Nesse tópico abordaremos sobre as experiências dos professores com a leitura na infância e na adolescência.

É na infância que a formação do leitor se inicia e expande-se por toda a vida de um indivíduo, devido a um processo contínuo e crescente.

Afirma Petit (2019) que “por milhares de razões vitais, os pais e outros transmissores culturais apresentam o mundo às crianças com a ajuda de contos,

canções, histórias, imagens de livros, lendas, familiares e lembranças” (PETIT, 2019, p. 24).

As primeiras experiências com a leitura, ou seja, na infância e na adolescência, revelando um sentimento de afetividade com o ato de ler. Pode-se observar nas transcrições dos professores:

Minhas experiências com a leitura na infância e na adolescência foram boas. Minha mãe era professora e sempre me incentivou à leitura. (P1)

Na infância lia pequenas coleções infantis e li um livro sobre educação sexual, aos 10 anos. Na adolescência li Lamarca. (P2)

Tive uma infância de leitura, meu pai era analfabeto, mas não media esforços para comprar livros de leitura para mim. (P4)

Minhas primeiras experiências com leitura e escrita foram na minha casa com a minha mãe, ela sempre lia livros de história e me ensinou a escrever meu nome. Na adolescência tive o privilégio de estudar em uma escola onde tinha uma biblioteca ampla e com diversos livros, sempre pegava livros emprestados para ler. (P5)

A minha experiência com a leitura na infância foi de fundamental importância para a minha vida, assim como é para a de todos.

No meu caso, tive sempre muito incentivo da minha mãe e por vezes até bastante cobrança para tal, já na adolescência, já havia tomado gosto pela leitura. (P7)

Desde cedo sempre tive interesse pela leitura. A leitura sempre foi muito incentivada pelos meus professores de Língua Portuguesa. (P8)

Muitos professores afirmaram sobre as suas primeiras experiências com a leitura e observamos que o eixo principal de transmissão estava no contexto familiar. Percebe-se que a leitura lembrada pelos professores como pertencente a sua infância, é aquela onde os livros eram manuseados. Onde a imaginação tomava conta do real.

Fora do contexto familiar, os transmissores culturais, que sempre estiveram presentes, na vida educacional, foram os seus professores dos anos iniciais, esses que ocuparam um lugar privilegiado no campo da leitura literária, concomitantemente junto a família.

Sendo assim, percebe-se que a leitura literária é vista como algo, que é prazeroso. Tal fato ocorre pela forma como a leitura é apresentada à criança e posteriormente ao adolescente, isto é, há necessidade de se verificar a proposta para o despertar o gosto pela leitura, a mesma deve apresentar uma coerência entre fins e meios e entre discurso e ação.

4.2 EXPERIÊNCIA COM A LEITURA NA GRADUAÇÃO

*Chegamos ao ponto em que temos de educar as pessoas
naquilo que ninguém sabia ontem, e prepara-las para
aquilo que ninguém sabia ainda.*
Margaret Mead

Os professores ao responderem ao questionário sobre a experiência com a leitura em sua graduação temos que:

Foram cruciais para o meu crescimento intelectual, além de contribuir para o meu crescimento intelectual, além de contribuir para o meu crescimento profissional.
(P1)

Lia basicamente a bibliografia do curso, pois trabalhava muito para pagar minha graduação. (P2)

Trabalhei em comércio durante toda a minha graduação. Por conta disso, infelizmente só conseguia ler o que era necessário, como conteúdos específicos da área. (P3)

*A faculdade nos envolvia em uma leitura interpretativa, onde não só as leituras básicas do curso, mas também aquelas que fossem representadas[...]*P4)

A leitura fez parte essencial na minha graduação com muita perseverança e dedicação. (P5)

Na graduação, tive contato com leituras clássicas, o que ampliou o meu vocabulário, o modo de encarar e interpretar textos e despertou a curiosidade, mostrando que o clássico é atemporal e totalmente adaptativo ao presente[...] (P6)

Não tão rica e libertadora como no Ensino Fundamental e Médio, mais sem ela não haveria possibilidade de êxito, uma vez que são necessárias muitas leituras de vários autores. (P7)

Devido a minha área de formação, a leitura durante a graduação foi sendo voltada para área de atuação, mas mesmo assim, se fazia presente em minha vida. (P8)

Quando ingressei na graduação, não tinha o hábito de ler. Estava totalmente desesperada. A partir dessa circunstância, percebi a necessidade e comecei a criar rotina e gosto pela leitura. (P10)

Durante a minha graduação, minhas leituras foram pautadas em recomendações impostas pelos professores como pré-requisito das disciplinas cursadas, revistas, periódicos, entre outros. (P13)

As experiências com a leitura na graduação dos professores que atuam na referida escola, mostram-se alguns professores distantes da leitura, enquanto prazer, pois seu tempo é preenchido pelas necessidades de leituras direcionadas somente as suas respectivas áreas de atuação.

[...] a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco tem a ver com significado e sentido

Acreditamos que é dessa forma que a leitura na graduação acontece, ou seja, surge como pretexto para trabalhar com os conteúdos do currículo e passa ser algo desmotivador. Tal fato ocorre devido a falta de tempo dos professores, pois os mesmos não têm outra fonte de renda para dar conta das suas tarefas dentro da graduação e suprir sua vida financeira.

Outro ponto que salientamos é a leitura literária e /ou em periódicos, quando são impostas ou mesmo obrigatórias. Na graduação, as leituras apresentadas, são as de cópias xerox de capítulos ou fragmentos deste, que tornam-se de compreensão difícil, que até mesmo, os futuros professores, ficam frustrados e passam a desprezar a leitura e a mesma passa a ser vista como atividade que não se pode dissociar da graduação.

4.3 O GRAU DE RELEVÂNCIA DA LEITURA DE LEITURAS LITERÁRIAS E /OU PERIÓDICOS NO COTIDIANO DO PROFESSOR.

“...gosto pela leitura(...)não é dado da natureza humana, imutável e acabado e sua formação tem a ver com as necessidades, o tempo e com o espaço em que se movimentam pessoas e grupos sociais.”
(MAGNANI, 1994)

As relações do ser humano com o mundo estão pautadas por sua percepção e construídas pela linguagem. O ato de ler incide na participação do processo coletivo para a construção dos sentidos, isto é, quando lemos, ou fazemos de um determinado lugar e com uma direção histórica determinada.

Definir leitura, em sentido amplo, vista como atividade intelectual humana, não é tarefa das mais fáceis. Complicado e limitador é tentar conceituar e descrever as interfaces que compõem o todo da atividade, analisar os elementos que integram seu campo de ação, procurando ainda circunstanciar as situações em que se realiza e determinar os papéis que desempenha durante sua produção, bem como estudar e entender os autores componentes de tal realização (FREIRE, 2006).

Quando os professores foram questionados sobre o grau de relevância da leitura literária e /ou periódicos em seu cotidiano, ficou da seguinte forma:

Relevância máxima. A leitura na minha profissão é primordial. (P1)

Grau elevado, sobretudo obras acadêmicas na área de História e Teologia. (P2)

Alto. Atuo em área que diariamente tem descobertas e curiosidades. Então a leitura e pesquisa fazem parte da minha vida profissional. (P3)

Tem grau de relevância alto, pois a leitura faz com que o trabalho do professor ganhe mais produtividade, significado e significância. (P6)

Infelizmente em pequeno grau, embora acho importante, não vejo ter muita relevância, a não ser a bíblia e algumas leituras bem específicas da minha área de atuação atual. (P7)

A leitura tem muita relevância, apesar de que gostaria de praticá-la mais em meu cotidiano do que realmente faço. (P8)

Hoje em dia, a leitura tem um valor muito grande em minha vida. Além de transmitir conhecimento, a leitura favorece a reflexão sobre determinados assuntos. (P10)

De grande importância para o desempenho de minhas funções e desenvolvimento intelectual. (P13)

Não tenho feito nenhuma leitura literária a muito tempo, a leitura tem sido de artigos, entrevistas sobre atualidades e assuntos pertinentes as aulas que pretendo ministrar. (P12)

Percebemos que para todos os professores a leitura literária e/ ou de periódicos, é de extrema relevância, mas somente destaca-se na vida profissional, ou seja, inexistindo a leitura por fruição, e a mesma sendo usada para buscar informação e dessa forma, elencar aos conteúdos das disciplinas trabalhadas.

Então, o ato de ler pode representar não apenas uma condição intelectual, mas também, uma condição de libertação: a de poder ser um leitor mais autônomo e crítico, independente da textualidade, em várias linguagens, do mundo que está inserido, ou de mundos diferentes do seu.

Ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político.

Lajolo comenta sobre Paulo Freire dizendo,

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se

lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003, p.5).

E Freire, exemplificando o cotidiano, mostra como lemos o mundo o tempo todo:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciavam chuvas, lemos na casca da fruta se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é de outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 2003, p. 5-6)

Portanto, devemos ler tanto para aprimorar a parte intelectual como alimentar a nossa alma, para desenvolver a criticidade e a criatividade em nosso cotidiano vigente.

4.4 FORMAÇÃO CONTINUADA

É necessário um investimento maciço na formação de professores para que a escola possa ser aliada no projeto de tornar o Brasil um país de leitores...
(LAJOLO 1988)

A formação continuada consiste em ser um processo de descobertas e mudanças sobre um determinado assunto, que perpétua ao longo da vida de um indivíduo. Significa que o mesmo deve estar sempre em busca de fatos que sejam significantes para a sua vivência, tanto no âmbito pessoal como no profissional.

O ato de ler é primordial para todo o percurso escolar do indivíduo, pois repercute na formação de seu raciocínio e expressão, sendo uma “ferramenta” necessária para continuar aprender e, mais ainda, se humanizar.

Em se tratando de formação continuada, no aspecto da leitura literária, faz-se necessário estabelecer um diálogo com os professores que atuam nas áreas, sobre o seu envolvimento com a leitura literária e / ou periódicos, ou seja, promover e incentivar a leitura com mais intensidade.

Em relação a formação continuada durante o horário de trabalho, na escola que o professor atua, se pode colaborar para o desenvolvimento da leitura. Vejamos as seguintes respostas:

Não. Penso que não é uma formação que vai criar em um docente o hábito de ler. Se a pessoa é um profissional da área de educação e não lê.... complicado. (P2)

Não necessariamente no horário de trabalho, contudo, o professor precisa estar capacitado para executar seu papel dentro da sala de aula de forma segura. (P10)

Sim Tudo que vem para contribuir no crescimento é válido. (P1)

Sim, pois podemos trabalhar um material que permita a leitura compartilhada, debatendo suas ideias, trocando experiências de leituras diversas e compartilhamento de material entre os profissionais. (P13)

Com certeza, apesar de achar que nosso tempo de planejamento na escola é muito curto e não ver possibilidade de existir uma formação continuada durante o horário de trabalho. Mas sempre defendo a ideia de realização de uma formação continuada anualmente. Além de colaborar para o desenvolvimento da leitura, proporciona atualização pedagógica e incentivo para lecionar com dedicação e segurança. (P3)

Sim, afinal o professor precisa entender que a leitura diária faz parte do seu cotidiano e transforma e capacita quem se envolve e dessa forma transmite o que se aprende aos alunos fazendo eles terem gosto também pela leitura. Sem imposição e sim por gosto. (P4)

Formação não é bem desenvolver, na minha opinião, os profissionais da educação estão vivendo uma rotina tão saturada, cansativa que a formação não somaria no momento atual. (P12)

Com certeza. Acredito em formação que tenha comprometimento e continuidade de ações, espaços de estudos e trocas, que possam transformar a aprendizagem conquistada em reflexos positivos de sala de aula. (P9)

Sim, a formação continuada poderá contribuir para o desenvolvimento da leitura do professor e para o melhoramento da qualidade de ensino. (P5)

Sim, acredito. Todo o tipo de formação tem muito a acrescentar no trabalho docente devido amplitude causada no decorrer das aulas preparadas pelo professor. (P6)

Sim, pois com a rotina do dia a dia, muitas vezes, a leitura fica um pouco deixada de lado, lemos apenas o que é necessário para as nossas aulas. (P8)

Creio que sim, pura e simplesmente pelo fato que ele será obrigado a fazê-lo, embora creio ainda que se houver vontade, em qualquer lugar, hora ou ambiente esse “desenvolvimento” pode acontecer. (P7)

As considerações sobre a formação continuada, segundo Nóvoa, dão conta que “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (NÓVOA,1991, p.15).

Tudo que é novo causa pânico, medo e gera a incapacidade de se aprofundar no processo de conhecer mais sobre um determinado fato.

A formação continuada não é realizada através de diversidades de cursos, de conhecimentos ou até mesmo, de técnicas, mas sim mediante a um trabalho reflexivo e crítico sobre a (re) construção permanente de uma identidade pessoal posteriormente a investir nas práticas profissionais.

Os dados abordados na presente investigação, demonstram que formação continuada para os docentes é primordial. O que significa assumir uma nova função frente à complexibilidade da sociedade, reconhecendo os limites da educação na sua transformação política, porém consciente de que é através da educação que podemos compreender, segundo Freire (1986), as relações de poder estabelecidas, bem como preparar a participar de programas para mudar a sociedade.

É necessário e urgente investir numa formação continuada que busque promover a leitura literária e/ou periódicos para o professor, desvinculada de seus afazeres profissionais, ou seja, conduzir o professor à leitura por fruição.

Dessa forma, o processo formativo não pode se esquivar de promover a formação leitora do sujeito professor, de forma a assegurar um grau relativo de autonomia, de criticidade, de capacidade argumentativa, visando a reunir condições para se projetar na vida e no exercício da profissão em um mundo cada vez mais complexo, formado por diversidades de cursos.

4.5 SUPORTE PARA O ALUNO USANDO PARADIDÁTICO E/OU PERIÓDICO

*Na escola, praga mesmo não é o professor que não manda ler, é o professor que não lê. Quem não lê não sabe o que está perdendo, portanto não tem porque aconselhar ou criar oportunidades para que os outros leiam.
(MAGNANI, 1994)*

A palavra suporte por definição é: “qualquer coisa cuja a finalidade é sustentar ancorar, reforçar, apoiar ou aquilo que pode auxiliar.” Em sala de aula essa palavra transforma-se em algo mais significativo, que quando usada, rompe as barreiras das impossibilidades, dos autoritarismos, das diferenças e das alienações.

Nesse questionamento abordou-se sobre paradidáticos e / ou periódicos como suporte de aprendizagem. Algumas respostas:

*As aulas ministradas são encaminhadas com textos atuais para que o aluno reflita sobre a sua vivência e da sua comunidade e alternada com conteúdo históricos.
(P12)*

Sim. Busco propor o conteúdo pré estabelecido e básico, porém sempre recomendo aprofundamentos sobre aquela temática. (P13)

Sim. Forneço. Minhas aulas são preparadas em função com apresentação do conteúdo, explicação, amostra da execução e prática. (P6)

Não. Para complementar alguns assuntos eu mesmo elaboro esse complemento que muitas vezes não é retirado apenas de um livro e sim uma reunião de vários livros. (P8)

Normalmente sim, e na grande maioria das vezes são de sites, uma vez que na minha área não existem tantos periódicos, revistas, paradidáticos físicos. (P7)

Nem sempre. Mas na medida do possível tento elencar no conteúdo trabalhado algumas publicações da revista “Superinteressante”, pois seus artigos aguçam bastante a curiosidade dos educandos. (P3)

Sim. A recomendação é importante para que o aluno se interesse ainda mais pelo assunto proposto e busque ir além do que é trabalhado em sala de aula, melhorando a sua aprendizagem. (P11)

Ofereço o material didático e procuro trabalhar com imagens e vídeos. O aluno além de não ter o hábito de ler, um grande percentual não entende o que lê. (P2)

Sim. Porque é extremamente importante abordar com mais detalhes alguns conteúdos. (P10)

Sim. As fontes literárias são fundamentais no desenvolvimento cognitivo do aluno, do professor e de todos que primam por um bom nível cultural e intelectual. (P1)

Sim. Os livros paradidáticos e / ou periódicos são essenciais para enriquecer os conhecimentos dos alunos, é um guia orientador para o professor, à escola tem o papel de ensinar e incentivar os alunos a ler e a escrever com competência. (P5)

Por todas as ideias aqui expostas observamos que quase todos os professores consideram de extrema relevância o uso de paradidáticos e / ou periódicos como suporte inserido em suas disciplinas ministradas, porém há uma grande incorrência no que realmente venha ser o uso dos paradidáticos como suporte das disciplinas abordadas.

Para Freire (2006, p.11), o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura da palavra não implica na ruptura do contexto com seu mundo imediato, e sim ao longo da escolarização, nem sempre a leitura da palavra foi a leitura da “palavra mundo”, e por isso, a leitura é dinâmica, contínua, capaz de inter-relacionar palavra e mundo, teoria e prática.

Além de que, o ato de ler é um entrelaçamento pessoal de cada leitor com suas leituras de mundo e com vários significados encontrados ao longo da leitura.

Nesse sentido, relatam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997, P.54)

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender essa necessidade (PCN, 1997, p.54).

Como suporte de aprendizagem surgem os livros paradidáticos, os mesmos complementam o conhecimento adquirido pelos alunos durante a exposição de um

determinado assunto. Recebem o nome de paradidático por ser uma escolha paralela aos conteúdos disciplinares e aos livros didáticos.

Os livros paradidáticos tornaram-se mais relevantes após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabelecer os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), orientando as instituições a abordar temáticas transversais relacionados ao desenvolvimento da cidadania, ética, trabalho e pluralidade cultural. Assim, com essa abertura que muitos professores tiveram mais conhecimentos sobre os paradidáticos, e o primordial, que podem elencar aos conteúdos ministrados.

Cabe salientar, que os livros paradidáticos não são usados com a finalidade moralizadora e sim para ampliar a criticidade e a reflexão.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: GUIA DE SUGESTÕES DE PARADIDÁTICOS – SUPORTE NA APRENDIZAGEM

No Mestrado Profissional, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) determina o Produto Educacional como um objeto de aprendizagem desenvolvido com base em trabalho de pesquisa científica que visa disponibilizar contribuições para a prática profissional.

A Capes (Brasil, 2013), descreve como deve ser o produto educacional. Caracterizam-se como produto: “[...] uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, uma exposição etc.”. É importante ressaltar que esse produto, gerado da dissertação, deve ser, nas palavras de Moreira e Nardi (2009, p.4): “[...] algo identificável e independente da dissertação”. Para tanto, a fim de aprimorar o trabalho realizado pelo programa, a Capes traçou os objetivos descritos:

- O aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita;
- O declínio das atuais taxas de evasão dos alunos durante o ensino fundamental;
- O multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet;
- O desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatíveis aos nove anos cursados durante o ensino fundamental

Em relação aos objetivos propostos, percebemos a carência de elaborar um produto educacional que auxilie no aprofundamento e na disseminação da leitura para o professor, por meio de análises e conhecimentos de paradidáticos, que irão de encontro com as temáticas abordadas em sala de aula.

Conforme as orientações da Capes (2012, p. 3), incluem-se entre os tipos de Produto Educacional os seguintes itens:

- Mídias educacionais (vídeos, simulações, animações, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, aplicativos de modelagem, aplicativos de 61 aquisição e análise de dados, ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs, jogos educacionais etc.);
- Protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais;

- Propostas de ensino (sugestão de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção etc.);
- Material textual (manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares);
- Material interativo (jogos, kits e similares);
- Atividades de extensão (exposições científicas, cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições, atividades de divulgação científica e outras).

Dessa forma, buscamos criar um guia de sugestões de paradidáticos dos clássicos até os atuais direcionados aos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais. Para isso, embasamo-nos em: Freire (1982); Lajolo (2002) e Kleiman (2007).

Nesse material, abordamos sobre os paradidáticos, de conceituação até a sua atual função, breve contextualização histórica da leitura e por fim, sobre a relevância dos paradidáticos na formação do professor-leitor.

Pretende-se com esse guia ofertar aos professores alternativas teóricas para suas práticas de leitura, auxiliar no conhecimento de alguns paradidáticos e que os mesmos possam ser alicerces de transformação na vida pessoal e profissional.

5.1 VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARES

No dia 10 de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, um momento formativo na EMEIEF Boa Vista do Sul, em Marataízes- ES, o produto educacional foi validado por meio do diálogo com os pares. Vinte pessoas estavam presentes no grandioso evento, contando com duas pedagogas, a diretora, professores da educação inclusiva e os professores da Base Comum Curricular das áreas de conhecimento: Códigos e Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.

O objetivo central do evento foi explanar o produto educacional e promover reflexões que partiram da problemática apresentada para esta pesquisa: Como são desenvolvidos atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais?

Para esse fim, no dia anterior, foi enviado o documento em PDF para o grupo de *WhatsApp* da escola, a fim de que todos se apropriassem do material e trouxessem

mais contribuições no momento do diálogo. No período, todos os participantes realizaram uma leitura prévia, o que observamos ainda, no início do evento.

A validação teve início com a apresentação do guia de sugestões dos paradidáticos e dos fatores que motivaram o evento. Em seguida, houve um diálogo sobre a realidade da escola, no âmbito da leitura, abordamos sobre leitura literária e leitura por decodificação dos símbolos, as dificuldades de realização do ato de ler, devido aos imprevistos do cotidiano e por fim, o uso dos paradidáticos e a relevância na formação do professor-leitor.

No decorrer do encontro, houve trocas de experiências e lembranças que despertaram alguns paradidáticos. Durante a apresentação, houve um diálogo sobre os pensamentos dos teóricos abordados.

Em seguida, dialogamos acerca dos paradidáticos como suporte de aprendizagem. Alguns relatos dos professores:

Muito bom. Vejo como uma ferramenta de trabalho para nós, professores. (P13)

Gostei muito, livros perfeitamente adequados para mim. (P8)

Gostei muito desse evento. Foi muito esclarecedor. (P10)

Nossa formação poderia ser assim. Gostei muito. (P6)

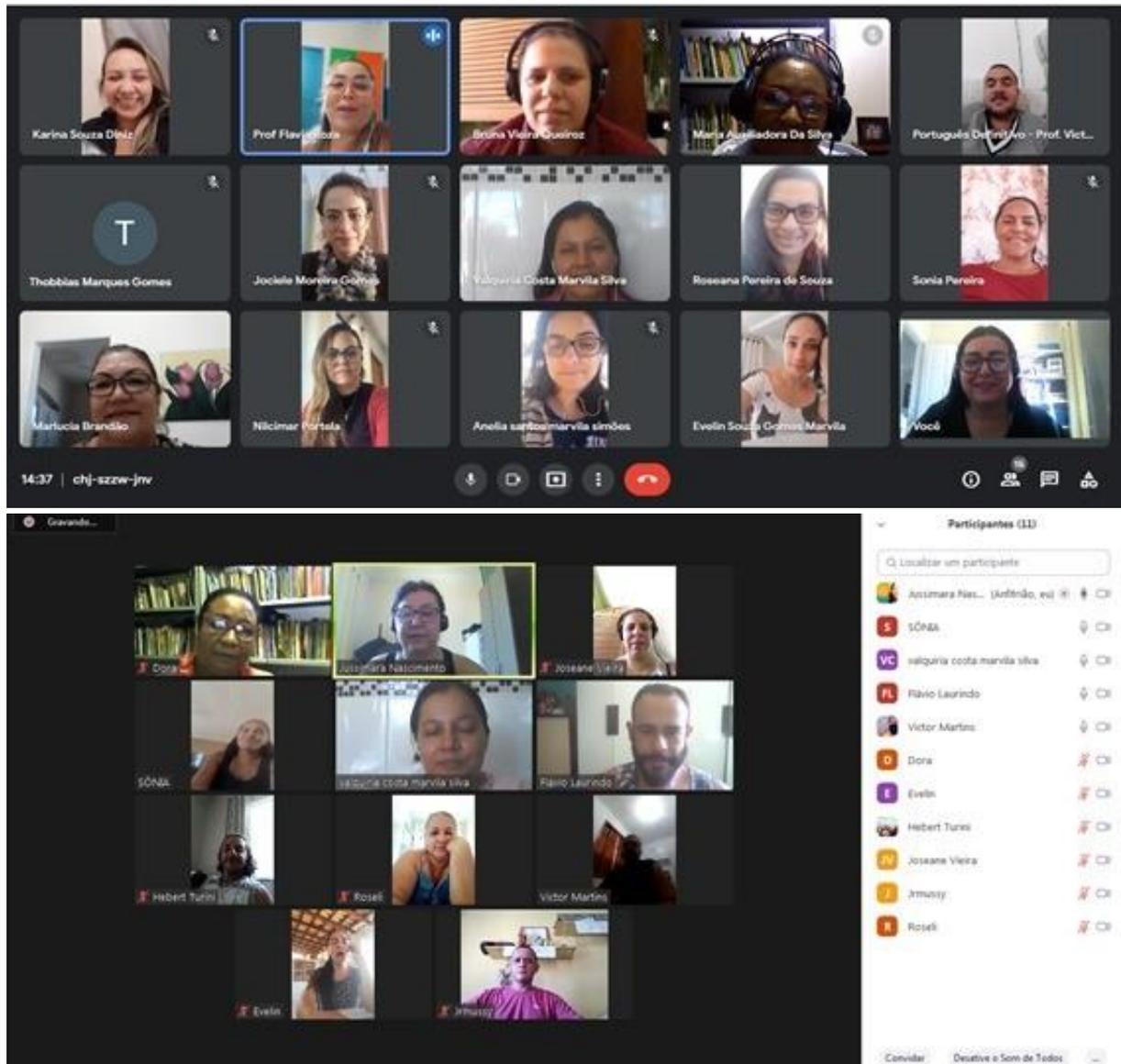
Portanto, esse evento solidificou a necessidade de termos mais conhecimentos sobre a importância dos paradidáticos. Mediante a isso, podemos inferir que o tempo e o acesso a livros não é condição ilimitada para o desenvolvimento do gosto e do hábito da leitura.

Figura 1: Fachada da EMEIF “Boa Vista do Sul”



Fonte: Autoria própria, 2022.

Figura 2: Formação Continuada dos professores da EMEIEF “Boa Vista do Sul”



Fonte: Autoria própria, 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um professor gosta de ler, precisa ler muito, envolver-se com o que se lê.”

(LAJOLO, 1993)

A leitura literária e / ou de periódicos constitui-se em algo escasso que aflige diversos setores da nossa sociedade, não se restringe apenas à educação, mas é uma temática política, social e histórica, que está ligado à inserção do indivíduo na sociedade.

Nessa presente pesquisa, o objetivo geral era compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais, escola pertencente a rede municipal de Marataízes- ES.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, definimos como objetivos específicos: buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura; verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura; conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais; elaborar um produto educacional guia com sugestões de alguns livros paradidáticos dos clássicos até os atuais. Para alcançarmos esses objetivos realizamos pesquisa bibliográfica e de campo, de cunho qualitativo, sendo que os dados coletados se estruturam em uma pesquisa-ação.

Buscamos sustentação nos principais aportes teóricos: Kleiman (1996); Silva (1998); Freire (2006); Lajolo (1994); Nóvoa (1991); Colomer (2007); Andrade (2007); assim como outros autores, documentos, decretos e materiais disponíveis na internet.

Durante toda a caminhada nessa investigação, sendo que os primeiros passos desse estudo me ajudaram a esboçar o pano de fundo da caminhada, levantado dados relevantes sobre o contexto em que se daria a pesquisa, como algumas informações sobre a escola e, principalmente, sobre os professores sujeitos da investigação.

Partindo do objetivo geral exposto, apresentamos alguns conceitos à cerca da leitura e com os estudos realizados observamos que alguns professores acreditam que a formação leitora de um sujeito possa ocorrer através da concepção da leitura como decodificação dos signos linguísticos, ou seja a leitura como reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados.

Sabemos que a formação leitora surge através da leitura literária, essa que é o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais,

como o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Processo esse, que leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Em Freire (1989) este olhar sobre a leitura quando nos diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, a compreensão do texto se dá a partir de uma leitura crítica, atentando para a relação entre o texto e o contexto.

Nessa concepção sobre a leitura onde o leitor dialoga com o autor, a leitura torna-se uma atividade social e de cunho político. A leitura é mais do que uma decodificação de símbolos gráficos, mas sim como a leitura do mundo, que deve ser constituída de sujeitos capazes de compreender o mundo e nele atuar como seres pensantes.

À medida que seguia o curso da pesquisa, com relação à análise dos dados obtidos através do questionário, os resultados foram bem relevantes e de extrema riqueza para a pesquisadora. Nesse contexto, podemos mapear alguns pontos primordiais:

a) A maioria dos professores vê-se como sujeitos leitores nas diferentes etapas de sua vida: na infância e na adolescência - tinham mais contato com os livros, revistas e vivências de leituras associadas à oralidade (adultos contando histórias);

b) Na fase adulta – Graduação- viveram em grande parte diante de leituras direcionadas ao curso em questão, leituras impostas, fragmentadas e revelava-se distante da leitura por prazer, maioria dos professores, lamentando o fato de ter seu tempo preenchido pelas necessidades de leitura relacionadas a preparação de suas aulas;

c) Quanto ao grau de relevância da leitura literária e /ou mesmo periódicos no cotidiano, a maioria dos professores considera de extrema relevância, mas devido a precariedade do salário associado a falta de tempo, carga excessiva de trabalho, fica inviável ser um sujeito leitor idealizado;

d) Quanto à formação continuada a maioria dos professores priorizam e almejam essa formação para assegurar um grau maior de autonomia e criticidade, tanto na vida pessoal, quanto no profissional;

e) Quanto ao uso dos paradidáticos e / ou periódicos como suporte para o aluno, quase todos os professores concordam e consideram relevantes, mas confundem-se no que realmente são os paradidáticos e a sua função como suporte para o aluno.

Os sujeitos da presente investigação foram considerados a partir da análise dos dados obtidos, como sujeitos leitores idealizados, também não são como gostariam de ser, devido a alguns fatores já mencionados. As experiências e influências que tiveram no decorrer da vida, delinearão e ainda delinearão seus perfis de leitores, o hábito, que foi e continua sendo tecido lentamente.

Outros fatores, que temos que salientar, que é de suma importância, que são Universidades e /ou as Faculdades repensem o contexto sociocultural dos alunos, suas leituras, os requisitos necessários para esses profissionais para a leitura e suas práticas.

Para tal fato, as Universidades e / ou as Faculdades devem aprimorar os currículos das graduações, de forma atender e priorizar as necessidades da leitura literária e / ou periódicos.

Outro ponto é a consolidação de políticas públicas de leitura direcionadas para uma formação continuada, que se iniciasse na graduação e que não possuísse prazo de término. Uma formação continuada que o foco ofertasse conhecimentos e a leitura literária e que através da mesma, despertasse o real sentido do que é ser um professor-leitor.

Acreditamos ser possível construir a figura do professor-leitor, mesmo com todas as dificuldades existentes, pois a atitudes e hábitos de leitura dos professores aliada as propostas de melhoria das condições econômicas e de trabalho possibilitarão, de forma simultânea, a (trans) formação dos professores em leitores por fruição.

Portanto, após atingirmos os objetivos que foram delineados, esperamos que este estudo possa servir de embasamento para o norteamento de ações aqui abordadas, que vissem a melhor empregabilidade. Por isso, surge o produto educacional, em forma de E-Book, com sugestões de livros paradidáticos desde dos clássicos até os atuais, com a finalidade de despertar a leitura por fruição.

Acreditamos que essa pesquisa poderá contribuir para a formação enquanto pessoas para estarmos sempre nos renovando na (re)construção de experiências de vida que possam modificar nossos pensamentos e nossas concepções.

Finalizo a trajetória dessa minha caminhada nesse trabalho, de forma consciente de que diante do cenário que está se formando no país, é urgente que além de ser professor-leitor, deverá ser proficiente para tornar a nossa sociedade mais consciente, igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Moderna, 1996.

BAMBERGUER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1994.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília, Plano Editora, 2002.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – A formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional**. MEC, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 19/02/2016.

BRASIL. **PCN+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12598:publicacoes>. Acesso em: 19/02/2016.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Volume 1: Linguagens, Códigos e suas tecnologias, MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 22/09/2016. 118 BRASIL ESCOLA.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. **Leitor: ser ou não ser**. In: O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

DALVI, M. A. **Literatura na escola**: Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M.A. [et al]. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortês, 1993.

_____. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança. v. 1. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

HENRIQUE, F. **O livro didático e a formação do leitor literário**. Dissertação 9 (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação Stricto Senso, Universidade do

Vale do Itajaí, 2011. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br>. Acesso em 15 de abril de 2021.

KLEIMAN, A. **A oficina de leitura: Teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Texto e leitura: aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor. **Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª. Ed.-São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993. _____. A formação do leitor no Brasil. São Paulo: Ática, 1997.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola – Sobre a Formação do Gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MOREIRA, Marco Antônio; NARDI, Roberto. O mestrado profissional na área de ensino de ciências e matemática: alguns esclarecimentos. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v.2, n.3, p.10-12, set./out. 2009.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992

_____. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. Professor se forma na escola. In: **Revista Nova Escola**, n. 142 (maio). São Paulo: Abril Cultural, 2002.

PETIT, Michéle. **O mundo: experiência de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo.

ROLLA, Ângela da Rocha. Professor: perfil de leitor. 1995. **Tese** (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras e Artes – Porto Alegre.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: Nóvoa, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Teoria e Prática e o professor um leitor em formação.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O professor-leitor.** In: NETO, José Castilho Marques; SANTOS, Fabiano dos; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.* São Paulo: Global, 2009. 1. Ed.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ZILBERMAN & Lajolo. **A Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática 1996.

ZILBERMAN, Regina; Ezequiel Theodoro da (org.) **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo, Ática, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORES)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de mestrado: **“ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, que tem como pesquisadora responsável a mestrande **Maria Auxiliadora da Silva Santos**, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, da Faculdade Vale do Cricaré- São Mateus- ES, que é orientada pela professora Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, Compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais , como objetivos específicos- Buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura; Verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais como são desenvolvidos suas práticas de leitura; Conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais; Elaborar um produto educacional um guia com sugestões de alguns paradidáticos dos clássicos até os atuais.

Este estudo se propõe investigar a formação leitora do professor, isto é, o modo de como a leitura está aliada a seu mundo, numa perspectiva pessoal e profissional, e na formação de futuros leitores.

Diante dos fatos explicitados, a presente pesquisa será realizada no campo onde o problema foi detectado. Realizarei uma pesquisa uma pesquisa-ação, bibliográfica e de campo. Farei uma abordagem de natureza quantitativa, sendo os professores da EMEIEF Boa Vista do Sul, localizada no município de Marataízes- ES, como sujeitos da pesquisa.

Entregarei um questionário aos professores, com questões abertas e seguirá juntamente ao mesmo, o Termo de Consentimento Livre de Esclarecimento (TCLE), como forma de coletar os dados para a pesquisa.

Caso você decida participar, entregarei o referido questionário e observando os aspectos pertinentes a esta pesquisa, a sua identificação não aparecerá na dissertação.

A participação nessa pesquisa não infringe as normas legais e ética. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, quando estabelece que o risco se justifique pelo benefício esperado, e o pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativo ao participante da pesquisa, previstos ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deve comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo. Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito à indenização, por parte do pesquisador e das Instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

É preciso considerar que os benefícios desta pesquisa são de extrema relevância para os meios educacionais, pois a pesquisa fará com que o professor fique mais comprometido e estimulado para possíveis descobertas dentro de suas áreas ministradas. Perceberá que para formar leitores é preciso em primeiro plano, ser um leitor proficiente.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que você irá fornecer serão confidenciais e utilizados apenas para fins acadêmicos, ou seja, serão

divulgados apenas em congressos ou publicações de artigos científicos, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de cinco anos, este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora (Maria Auxiliadora da Silva Santos).

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, a importância e o modo como os dados poderão ser coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa **“Atitudes e Hábitos de Leitura dos Professores dos anos finais do Ensino Fundamental ”**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e / ou científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Marataízes, ES _____ de _____, de 2021.

Professor(a) Participante

Pesquisadora: Maria Auxiliadora da Silva Santos

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA EMEIEF
“BOA VISTA DO SUL”



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

A pesquisa que você será participante, tem como prioridade o anonimato, é intitulada:

“ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES DOS ANOS FINAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL”, onde ao final desta, resultará na dissertação, avaliação final do Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, da Faculdade Vale do Cricaré São Mateus- ES, da mestrandia Maria Auxiliadora da Silva Santos, orientada pela Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Os principais objetivos desta pesquisa são:

Geral:

- Compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais.

Específicos:

- Buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura;
- Verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura;
- Conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais;

Sendo assim, pedimos inteira seriedade e integridade no momento das respostas, pois serão de grande relevância para a conclusão da dissertação supracitada e podemos, através dessa, investigar com mais profundidade sobre a formação leitora dos professores das séries finais do Ensino Fundamental da EMEIEF Boa Vista do Sul, bem como, já agradecer a participação de todos.

QUESTIONÁRIO

01 - Quais foram suas experiências com a leitura na infância e na adolescência?

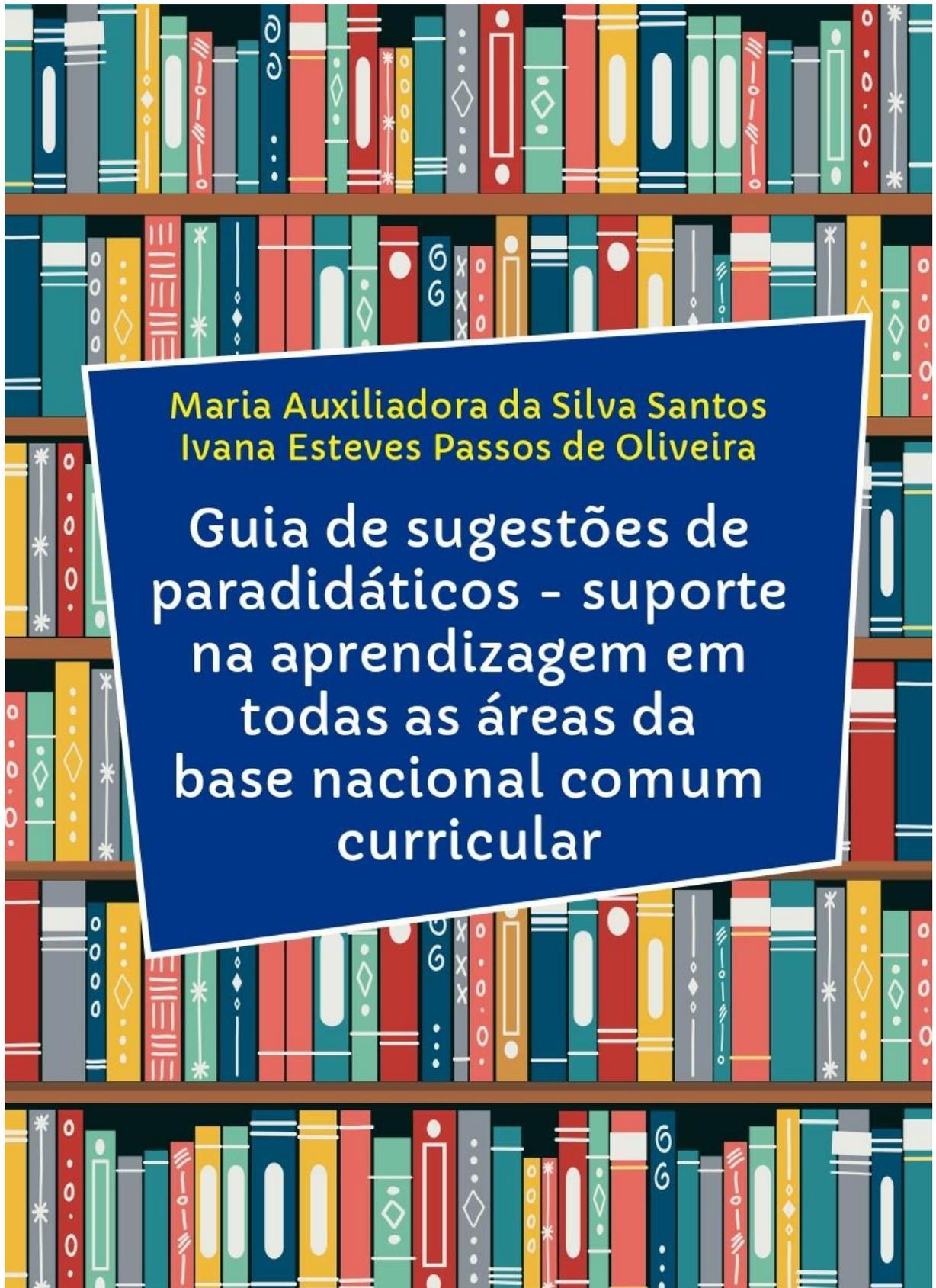
02 - Quais foram as suas experiências com a leitura durante a graduação?

03 - Qual é o grau de relevância da leitura literária e / ou periódicos em seu cotidiano?

04 - Você acredita que uma formação continuada, durante o horário de trabalho, na escola em que atua, pode colaborar para o desenvolvimento da leitura do professor? Explique.

05 - Quando você trabalha um determinado conteúdo, em sua disciplina, você fornece como suporte de aprendizagem, algum paradidático e / ou periódico, para seu aluno? Explique mesmo sendo em caso afirmativo ou negativo.

APÊNDICE C – PRODUTO EDUCACIONAL



**Maria Auxiliadora da Silva Santos
Ivana Esteves Passos de Oliveira**

**Guia de sugestões de
paradidáticos - suporte
na aprendizagem em
todas as áreas da
base nacional comum
curricular**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
Vitória
2022

Guia de sugestões de paradidáticos - suporte na aprendizagem em todas as áreas da base nacional comum curricular © 2022, Maria Auxiliadora da Silva Santos e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

1ª edição

SUMÁRIO

Apresentação	05
Breve contexto histórico da leitura	06
Paradidáticos: contextualização e relevância	08
O professor-leitor	15
Guia de sugestão de paradidáticos	18
As autoras	22
Referências	23

APRESENTAÇÃO

Este Guia de Sugestões de Paradidáticos - Suporte na aprendizagem em todas as áreas da Base Nacional Comum Curricular foi desenvolvido em 2021, em uma pesquisa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, da Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus- ES.

A pesquisa teve como objetivo central compreender quais as atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais, a partir de então, esse Guia de Sugestões de Paradidáticos teve como intuito de apresentar alguns livros paradidáticos dos clássicos até os atuais, através de trocas de experiências e reflexões com os professores da EMEIEF Boa Vista do Sul-Marataízes – ES. Utilizando-se dos seguintes aportes teóricos: Lajolo (1994), Silva (1998) e Freire (2006).

Desse modo, esperamos que esse Guia de Sugestões de Paradidáticos favoreça mais sentido para as práticas de leitura dos professores no que tange para a formação do professor- leitor.



BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA

A história do surgimento do livro está vinculada a história da leitura, pois a mesma estimula e possibilita a circulação do livro, dessa forma, ambas estão embasadas em fatos históricos que desencadearam na formação do leitor.

A partir do século XIII, surge na Europa, em especial nas Universidades, de caráter não religioso, que emerge em função das novas exigências da leitura – surge o livro impresso, a partir de Gutemberg, atendendo, assim, às necessidades de um novo público, constituído de altos funcionários, de ricos negociantes ou juristas desejosos de adquirir toda espécie de obras necessárias não somente as suas funções e edificação moral, mas também, a sua distração.

A luta de classe evolui e a burguesia cria um circuito da produção e difusão cultural, que servisse aos interesses- pequenos livros brochurados e vendidos a preços populares. Tais obras eram consideradas de compreensão fácil para todos aqueles que acabavam de ter acesso ao texto escrito, como os membros da classe operária.

A partir do século XIX, com o impulso da Revolução Industrial, esses livros vão ganhando seu espaço, mas, infelizmente o livro permanece como veículo de uma minoria culta.

Apesar da Revolução Industrial, o acesso ao livro, ao jornal, enfim toda forma de escrita, pelas classes trabalhadoras, os menos favorecidos, ainda é escasso, pois a informação era como “forma de consolidação e afirmação de poder”.

Em uma sociedade capitalista, a leitura literária propicia o acesso ao conhecimento e o poder sobre a palavra é uma forma de manipulação para aqueles que não detém esse poder.

As diferenças de classe e de poder também se manifestam no âmbito da educação. Não há investimentos na qualidade de ensino, pois os filhos da burguesia não estudam no Brasil.

Em 1945, em nosso país, começaram a surgir reivindicações em relação à educação e cultura para todos, acelera-se a organização da leitura pública. Nessa época, as formas de trabalho remontavam ao pré-capitalismo, a classe trabalhadora era formada por aqueles que possuíam apenas habilidades intelectuais como contar, ler e escrever.

Na era do capitalismo monopolista de Estado, nasce um novo homem, ajustado as modernas técnicas de eficiência e racionalização do trabalho. Surge uma nova oligarquia composta pelo poder capitalista da grande burguesia, que estabelece as tendências democráticas, destruindo o regime feudal. Nesse contexto socioeconômico, emerge a preocupação com a formação cultural e, sobretudo, escolar.

Cabe ao Estado superar o desequilíbrio produzido pelas reivindicações resultantes das desigualdades provocadas pelo modo de produção e que não conseguiam serem solucionadas – pela indústria cultural. A partir dessas transformações, surgem preocupações com a organização da leitura pelo Estado.

Em face dessas condições, o Estado aparece como entidade concretizadora dos ideais de igualdade de oportunidade. Entretanto, as desigualdades persistem e persistiram sempre resvalando nos menos favorecidos da nossa sociedade.

PARADIDÁTICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA

A leitura sempre esteve presente na história da humanidade, seja na sua história, seja esta praticada como meio de prazer, para o aprendizado ou por obrigação, na busca de conhecimento ou de informação. Atualmente, percebemos que a leitura se faz mais que necessária, uma vez que todas as interações sociais giram em torno de uma língua “escrita” que por sua vez precisa ser lida, decifrada.

Vivemos em plena era da informação, e inúmeras são as formas e possibilidades de material para a leitura: jornais, livros, internet, revistas, folhetos, panfletos. Por todos os lados temos algo para ler.

Ao ato de ler, acrescentamos muito de nós mesmos e das nossas experiências, segundo Lajolo (2002, p.54):



Ler não é decifrar como um jogo de adivinhações o sentido do texto. É a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

Portanto, ler não é um ato de adivinhação e nem decifração de significados, mas sim, atribuição de significação ao que lemos.

Além do que, a leitura acontece quando faz sentido para o leitor, ou seja, quando esta chega à compreensão. Para tanto, é necessário que ao ato mecânico de decifrar sinais se liguem às nossas experiências individuais vivenciadas ou adquiridas nas relações sociais, como afirma Freire (1982, p.11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele”.

Por isso, só lemos o que interessa ou nos atrai. A leitura é um ato de descoberta e, a esse ato, está relacionada nossa vida e tudo o nos cerca.

Não há apenas escrita, acabada e inerte, mas muitas leituras muitas formas de leitura e isso exige um certo esforço por parte do leitor, sujeito da ação de ler, conforme definem os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre assunto, sobre o autor de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, se as quais não é possível proficiência. É o uso desse procedimento que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN,1998, P.69- 70)

A leitura não é um ato de mera decifração de sinais gráficos. Ler é também para Kleiman (2007, p.49), “um ato individual de construção de significados num

contexto que se configura mediante um processo de interação entre o autor”, embora esse mesmo ato envolva capacidade de decifração do código escrito.

A leitura é uma prática social que acontece num processo de interação entre o autor e o leitor, e nesse processo interativo que ativamos nossas experiências relacionando-as com o que lemos. O ato de ler ultrapassa as margens do texto escrito e não se resume a sua decifração.

Como afirma Freire (1982), também podemos ler o mundo e isto implica a leitura de gestos, expressões do rosto, sons, de um olhar, de uma pintura e de todas as nossas experiências.

Dessa forma, temos a leitura literária que é quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação de fruição. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções.

É papel da escola e do professor o poder decisório sobre a leitura literária e o leitor formado, pois espera-se que o produto a ser formado, seja para enfrentar as contradições impostas pelo sistema vigente. A leitura literária nas escolas surge através dos paradidáticos, década de 60 a 70.

Portanto, em termos de aprofundamento, divulgação e estudos com intuito de

nomear este gênero de livros ou até mesmo, compreender sua origem e suas funções pedagógicas, muito pouco se tem realizado.

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2028), faz uma citação do livro paradidático e sua importância:

Considerar, ao longo dos anos, a ampliação e o suporte na seleção de fontes balizadas de informação e conhecimento – livros paradidáticos, de referência, repositórios de objetos digitais de aprendizagem, plataformas educacionais, canais educacionais e de vídeos de divulgação científica, etc. (MEC,2018, p.516)

Além disso, o livro paradidático propício, tanto para o professor, quanto para o aluno, a probabilidade de imersão em um ambiente de leitura literária que está de alguma forma ligado à realidade do leitor, independente da disciplina curricular.

A partir da década de 80, os paradidáticos foram se tornando mais abrangentes nas escolas, mas sendo tradicionalmente, utilizados pelos professores de Língua Portuguesa. Em outras áreas com menor frequência.

Para entender a razão da criação do termo paradidático, Borelli (1996) apresenta o sentido do termo paraliteratura, a partir da interpretação da formação da palavra como “o prefixo para denotar tanto o significado de proximidade – ao longo de – quanto à conotação de acessório, subsidiário, e, também, o sentido de funcionamento desordenado ou anormal”.

O termo paradidático surgiu como adjetivo, qualificando um tipo de publicação que, a partir de 1970, começou a proliferar na produção editorial brasileira

direcionada ao uso escolar. Tratava-se, dessa fora, de distinguir esses produtos dos livros didáticos tradicionais, sempre associados a disciplinas, organizados em coleções seriadas e pensados para o uso do cotidiano.

A principal diferença consistia no fato de os paradidáticos não prenderem cobrir a matéria de uma série, muito menos, de todo um segmento do ensino. Fixavam-se, antes, em um único tópico de interesse do currículo, tratando de forma mais especializada e /ou aprofundada, sobre assuntos gramaticais. Em consequência, esses livros podiam ser utilizados em diferentes momentos e níveis de ensino.

Os paradidáticos têm sido objeto de grande relevância nas políticas públicas em Educação, tendo motivado muitos estudos e investigações, sob perspectivas tão distintas quanto o mercado editorial, a transposição didática de conceitos e noções, a flexibilidade de uso, os recursos didáticos, os padrões de textualidade e os modos de ler.

Os livros paradidáticos começaram a ser organizados em coleções seriadas e utilizadas na leitura cotidiana. São livros que não faz abordagem somente de um conteúdo específico de uma determinada série, tem a função de ir mais além, é um auxílio para sala de aula em diferentes séries e/ ou níveis de ensino.

Dessa forma, os livros paradidáticos receberam esse nome por serem adotados de forma paralela aos materiais convencionais já utilizados na escola, não com intuito de substituir, e sim abordar temáticas que, em muitos casos, os livros didáticos não contemplavam.

Além disso, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB), que estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e orientou a discussão sobre

os temas transversais, a produção dos materiais paradidáticos cresceu de forma significativa nas editoras brasileiras salientando nas próprias obras de ideias de Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde e Sexualidade.

No entanto, é importante observar que, embora haja variadas temáticas e metodológicas para se trabalhar, em muitos casos, a abordagem do livro paradidático ainda é descontextualizada, deixa de integrar discussões relevantes em sala de aula e é objeto de avaliação desconectado dos questionamentos sociais e preso aos conteúdos gramaticais apresentados na série.

Tais materiais surgiram como forma de oportunizar a prática docente a fim de que seja possível desenvolver não somente a capacidade leitora em sala de aula, mas a compreensão de períodos e contextos históricos. O surgimento dos materiais paradidáticos se consolidou a partir das necessidades de se pensar em literaturas que fossem apropriadas para o ambiente escolar. Nessa vertente, muitas obras são consideradas essenciais para a formação do aluno.

Os livros paradidáticos nasceram das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. As editoras passaram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessíveis, que serviriam para introduzir o aluno no universo da leitura e prepará-lo para obras mais complexas[...]
(LAGUNA, 2001, p.49)

Assim como o ensino da Língua Portuguesa passou por transformações desde a implantação dos moldes educacionais, o ensino de leitura no contexto esco-

lar é também marcado por avanços, ora vistos como uma ruptura com o tradicionalismo, ora analisados sob a perspectiva de ser apenas o primeiro passo de muitos que ainda são necessários.

Por outro lado, os recursos tecnológicos modernos vêm tomando o lugar da leitura impressa. Com a multiplicidade de informações à disposição, faz com que ficássemos mais informados do que passou em outras épocas. É com esse impacto tecnológico que o mundo se globaliza.

A leitura literária sempre terá seu lugar e por se tratar de leitores, os mesmos, sempre irão buscar na palavra escrita grande parte de informação e seu conhecimento do mundo. As leituras de obras paradidáticas têm, portanto, o caráter de formar personalidades a fim de que os indivíduos se sintam partes da comunidade e atuem na vida social iluminados a partir das concepções que os autores apresentam na diversidade do universo ficcional.

Portanto, para se trabalhar com a leitura paradidática o professor tem que ter uma formação leitora, pois poderá despertar o prazer do aluno pelo ato de ler, além disso, aliada ao processo de ensino- aprendizagem, passa a ser o material complementar para apropriação e transmissão de conhecimentos.



O PROFESSOR- LEITOR

Sabe-se que a leitura literária é uma das vias de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano. No entanto, muitos professores desconhecem ou ignoram a real relevância da leitura e da literatura no cotidiano.

Diversas pesquisas sobre a realidade da leitura no Brasil sinalizam para o perfil de grande parte dos profissionais da educação como não-leitor, pois é algo incontestável, e que todo professor deve ser leitor, dessa forma, a leitura literária, possa contribuir na sua formação e na práxis de seu trabalho em sala de aula.

Salientamos também, a questão de a leitura literária ter pouca ênfase durante a formação escolar na vida do educador. Poucos estudos e pesquisas na área da leitura literária, por parte do professor, nota-se ausência de clareza sobre a qual é realmente a função da literatura literária e ou em periódicos para que se se forme um professor – leitor, consciente e crítico.

Um dos problemas que não pode ser esquecido, é a respeito à figura do professor que não gosta de ler, em virtude de alguns percalços durante a sua formação escolar.

Todo o processo de leitura literária e escrita se faz presente tanto na vida pessoal do sujeito e na vida escolar, ofertando uma amplitude sobre sua visão de mundo e favorecendo sua emancipação intelectual. De acordo com Lajolo (1993, p. 04)

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.
Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.

São palavras com enorme expressividade, pois representam o quanto o é transformação de uma sociedade.

Partimos da concepção que a formação do professor-leitor se inicia, na fase da infância e da adolescência, através de inúmeras experiências leitoras e concomitantemente com os seus familiares, desde as narrativas orais, passando pela leitura de revistas, contos de fadas, romances, bíblia, diário íntimo e leitura de clássicos literários.

É na Educação Básica que a leitura literária é primordial, ou seja, tenha um avanço real, a partir de desenvolvimento com trabalhos com gêneros textuais e com o foco na formação de leitores para além da sala de aula.

Podemos afirmar que todo professor, enquanto profissional ou cidadão necessita desenvolver a capacidade leitora para que possa se sentir sujeito do mundo que o cerca. Por isso, é primordial que as práticas de leituras literárias sejam realizadas em todos os segmentos da formação escolar, com práticas de imersão em leituras: antiga, moderna, brasileira, estrangeira, infanto-juvenil, adulta, literária, não literária, enfim, diversidades de leitura possíveis, materializadas em diferentes linguagens.

Ressaltamos que a formação leitora do professor não tem diferença dos demais sujeitos, sendo que ele é antes de tudo é um indivíduo que passa pelos ciclos da vida – infância e a adolescência até chegar a fase adulta e, conseqüentemente a sua graduação, especificamente um professor.

Torna-se de grande relevância implementar esforços de valorização das práticas reais, para investir em ações e currículos que valorizem a leitura literária como

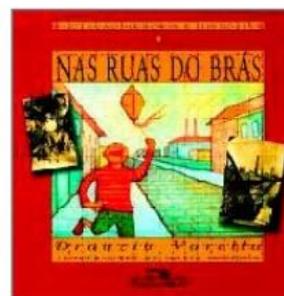
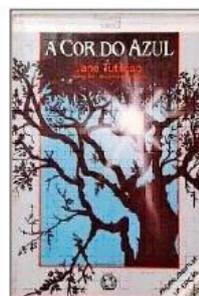
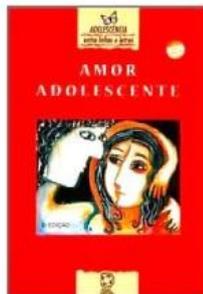
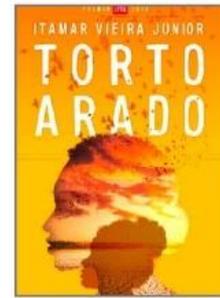
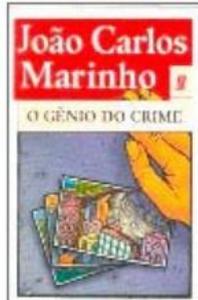
cerne da identidade do professor de tal modo que passe a ser disciplina da formação do professor leitor, com ênfase nos cursos voltados para a docência.

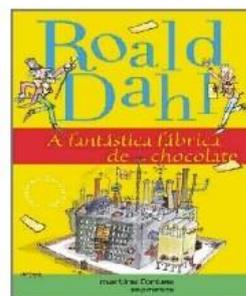
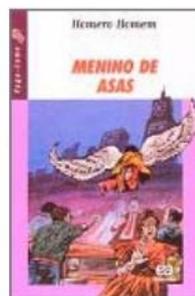
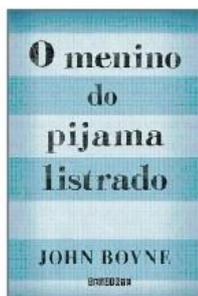
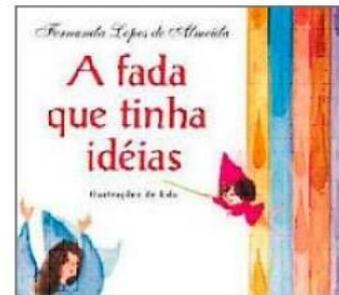
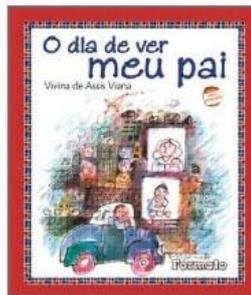
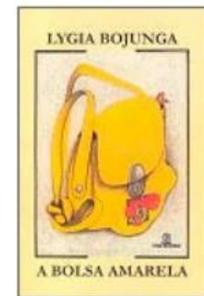
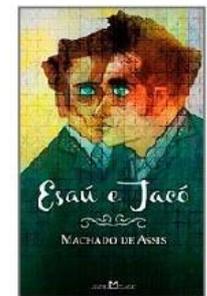
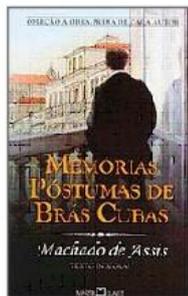
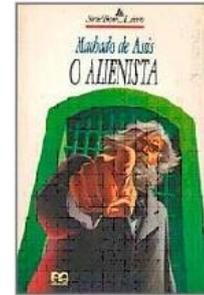
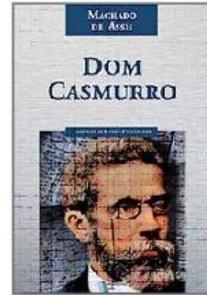
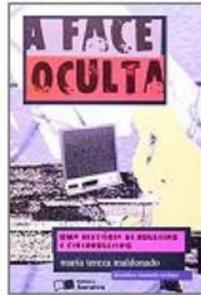
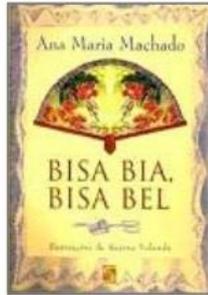
Entendemos que a leitura literária e ou a leitura de periódicos são os embasamentos primordiais na formação do professor. Além do que possibilita uma prática reflexiva, consciente e crítica, pois acarretará reflexos de seus atos para além de sala de aula, ou seja, romperá com o trivial. Devido a tudo isso, é de suma importância que o professor seja um leitor proficiente, independente da área de atuação.

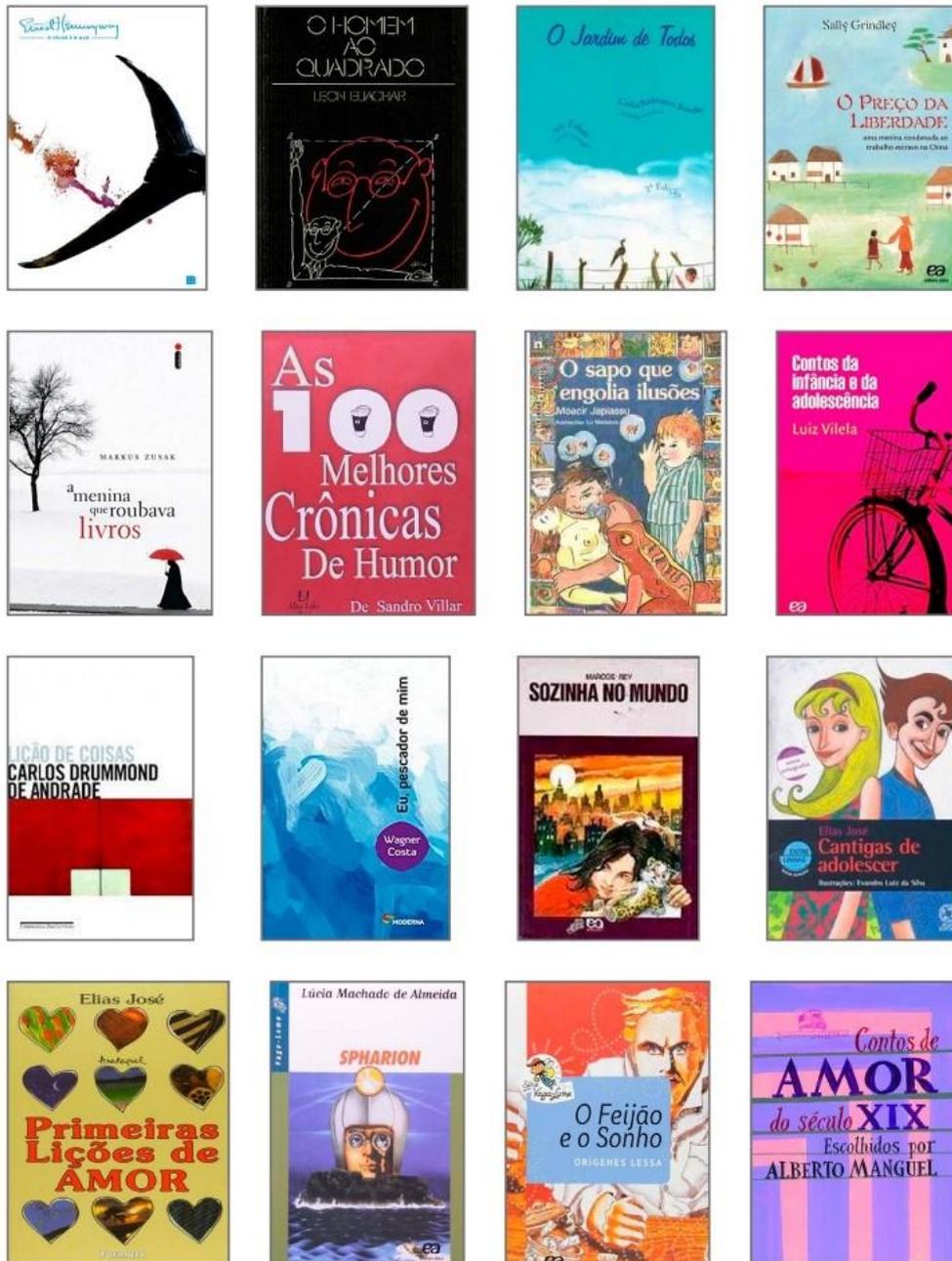
Concordamos que o professor-leitor é aquele que constrói seu histórico de leitor ao longo de sua vida escolar e que prioriza a leitura literária como prática emancipatória e espaço aberto para o campo cognitivo. Consequentemente deverão ser leitores autônomos e para então contribuírem para a formação de gerações de leitores críticos.

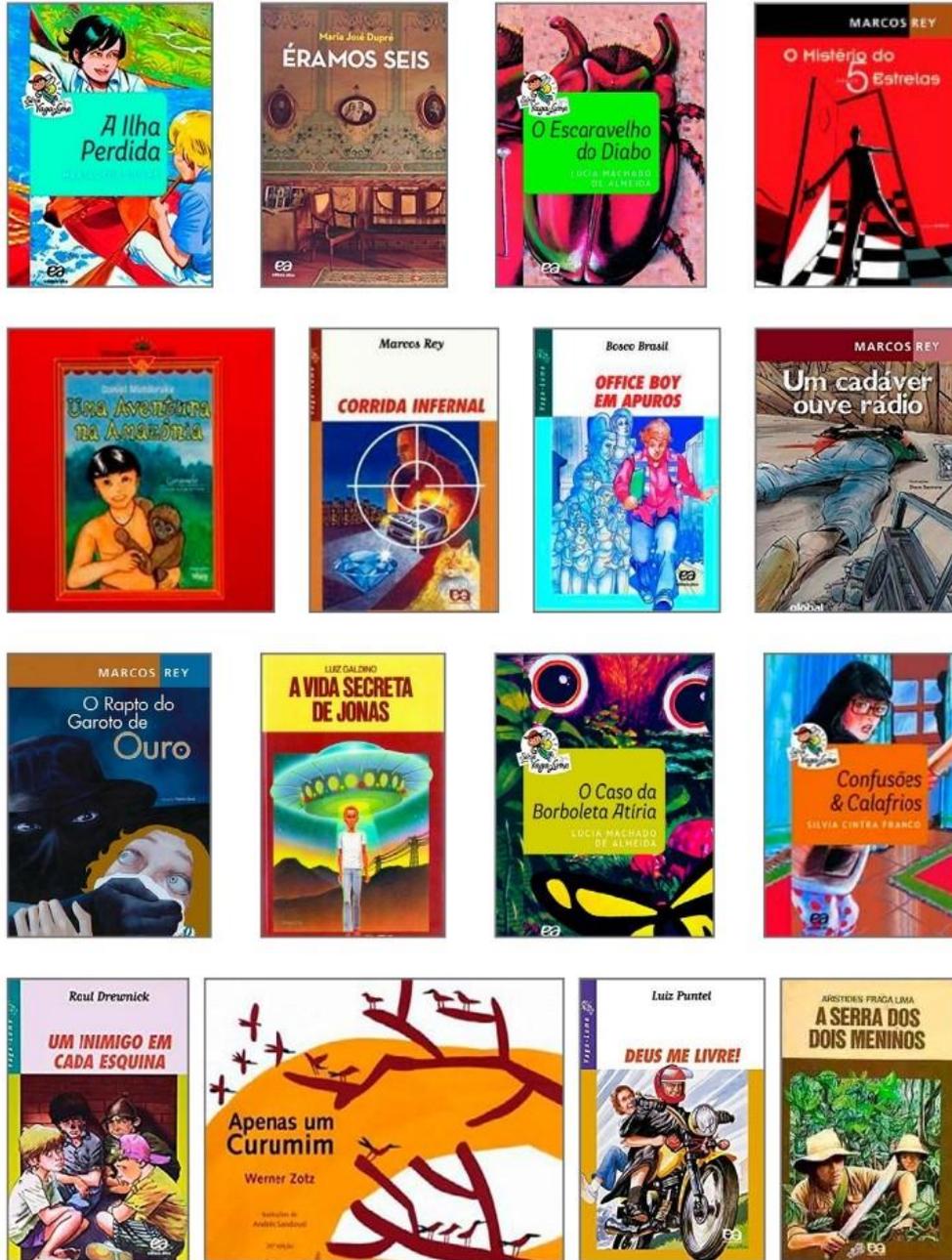


GUIA DE SUGESTÕES DE PARADIDÁTICOS









AS AUTORAS

MARIA AUXILIADORA DA SILVA SANTOS

Professora da Rede Municipal do Ensino Fundamental II, em Marataízes – ES. Graduada em Letras (Português/Inglês), pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Madre Gertrudes de São José”. Atualmente é professora na EMEIEF Boa Vista do Sul- Marataízes- ES. Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação pela Faculdade Vale do Cricaré- São Mateus- ES.

IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

Phd em Educação - Estratégias de Leitura com Livros Infantis do Espírito Santo (Unesp/PP/SP - 2019), Doutora em Estudos Literários/Letras(PPGL Ufes)- 2015, e Mestre em Estudos Literários /Letras(PPGL Ufes)- 2004, Licenciatura em Pedagogia (Ipemig) 2022 e Graduada em Comunicação Social (Ufes) 1990. Atualmente é Professora Orientadora do curso Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC) - São Mateus (ES).

REFERÊNCIAS

AGUILERA M, Méndiz, A. **Jogos de vídeo e educação. Computadores ACM no entretenimento** 11: 1–14, 2003.

ARCHIBALD LMD, Cardy JO, Joannis MF, Ansari D. **Perfis de aprendizagem de idiomas, leitura e matemática em uma amostra epidemiológica de crianças em idade escolar.** PLOS ONE 8 10: 1–13, e77463, 2013.

BIEMBENGUT MS, Hein N. **Modelagem matemática no ensino.** São Paulo: Contexto. p. 9–16, 2000.

CHUANG TY, Chen, WF. **Efeito de videogames baseados em computador em crianças: um estudo experimental.** Tecnologia Educacional e Sociedade, 12: 1–10, 2009.

COELHO, JP. **Sucesso ou fracasso em matemática ao final da escolaridade requerida, eis a questão.** Psicologia, 26: 663-678, 2008.

DEHAENE S. **O sentido numérico: como a mente cria matemática.** Nova York: Oxford University Press, 2ª ed, 2011.

DELL, A., NEWTON, D. e PETROFF, J. **Tecnologia assistiva na sala de aula: aprimorando as experiências escolares de alunos com deficiência (2ª ed.).** Boston, MA: Pearson, 2012.

GEARY, D. **Discalculia em tenra idade: Suas características e sua possível influência no desenvolvimento socioemocional.** In: Tremblay RE, Barr RG, Peters, 2010.

MOITA F Gameon: jogos eletrônicos na escola e na vida da geração @. Brasil: Campinas, Ed. Alínea, 2007.

RUFUS, A., Liman, O., Abubakar, N. & Kwalzoom, L. **Usando a tecnologia assistiva no ensino de crianças com dificuldades de aprendizagem no século XXI C.** Journal of Education and Practice. 6 (24), 14-20, 2015.

SANTOS, VM. **A relação e as dificuldades dos alunos com matemática: um tópico de estudo.** Revista Zetetiké, p. 32, ISSN: 1744, 2009.

STARCIC, S. e Istenic, A. **Tecnologia educacional para a sala de aula inclusiva.** Revista Online Turca de Tecnologia Educacional. 9 (3), 26-37, 2010.



ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA



EMEIEF "BOA VISTA DO SUL"

Marataízes-ES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Marlúcia da Silva Souza Brandão, ocupante do cargo de Diretora Escolar na EMEIEF "Boa Vista do Sul" – Marataízes-ES, autorizo a realização nesta instituição, a pesquisa **ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maria Auxiliadora da Silva Santos**, tendo como objetivo primário (geral) **investigar atitudes e hábitos de leitura dos professores das séries finais do Ensino Fundamental**.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Marataízes-ES, 27 de abril de 2021.

Marlúcia da Silva Souza Brandão
 Diretora
 Nomeação Decreto P.Nº 8.099 de 06/03/2017

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante